



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Lucinda Da Conceição Rebelo Rodrigues

**Relatório de Estágio. A Educação Física na
Escola entre o Movimento Vivido e
Movimento Pensado - Um estudo feito com
professores do Género Feminino**

Junho de 2013



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Lucinda Da Conceição Rebelo Rodrigues

Relatório de Estágio. A Educação Física na Escola entre o Movimento Vivido e Movimento Pensado - Um estudo feito com professores do Género Feminino

Relatório de estágio apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de Março e Decreto-Lei n.º 43/2007 de 22 de Fevereiro).

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor António Camilo Cunha

Junho de 2013

DECLARAÇÃO

Nome

Lucinda da Conceição Rebelo Rodrigues

Endereço eletrónico

rodrigueslucinda7@gmail.com

Número do Cartão de Cidadão

13597386

Título do Relatório

Relatório de Estágio. A Educação Física na Escola entre o Movimento Vivido e Movimento Pensado - Um estudo feito com professores do Género Feminino

Orientador

Professor Doutor António Camilo Cunha

Ano de conclusão

2013

Designação do Mestrado

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTE RELATÓRIO.

Universidade do Minho, ___/___/2013

Assinatura:

Agradecimentos

Aproveito este espaço para prestar aqui o meu sincero agradecimento a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, tornaram mais fácil este caminho.

À Escola E. B. 2,3 Professor Gonçalo Sampaio, pelo acolhimento e apoio durante esta importante etapa da minha formação;

Ao Professor Doutor Camilo Cunha, supervisor de estágio, pelos conhecimentos transmitidos e pela disponibilidade sempre manifestada ao longo deste ano;

À Professora doutora Beatriz Pereira, pelo apoio prestado, pelos conhecimentos transmitidos e pela orientação que prestou durante estes 2 anos.

À professora cooperante de estágio Mafalda Almeida, pelos conselhos, colaboração e pelos momentos de aprendizagem resultantes deste ano de trabalho em conjunto;

Ao Diogo, colega estagiário, pelo trabalho em conjunto realizado perspetivando objetivos comuns, pelo apoio nos bons e maus momentos;

A todo o Departamento de Educação Física, pela colaboração nas diversas atividades;

A todos os meus alunos, pelo desafio que me facultaram neste ano letivo;

À minha Família, e em especial aos meus pais, por me terem possibilitado a oportunidade de uma formação académica, e por estarem sempre ao meu lado nos bons e maus momentos.

A todos vós, o meu muito obrigado.

Resumo

Relatório de Estágio: A Educação Física na Escola entre o Movimento Vivido e o Movimento Pensado – Um estudo Feito com professores do Género Feminino

O presente estudo surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada e do Seminário, integrados no Mestrado em Ensino de Educação Física. Este relatório engloba um enquadramento pessoal e institucional, a intervenção pedagógica no processo ensino-aprendizagem, a participação na escola e a relação com a comunidade educativa, onde são evidenciadas as competências, dificuldades e estratégias adotadas. Tendo em conta o tema de investigação procurei na minha turma de intervenção criar estratégias onde a Educação Física pudesse ter espaço para a expressão dos alunos, para exteriorização dos sentimentos, para o brincar e o jogar, não se centrando apenas naquelas aulas onde se procura a técnica de determinada modalidade e/ou do rendimento propriamente dito, e assim, procurar desta forma, uma motivação superior para as aulas. Para isso foi aplicado um questionário a 18 alunos, sendo 10 do sexo Feminino e 8 do sexo masculino. Nesse sentido foi possível verificar que 61,1% dos alunos se sentem muito motivados com as estratégias lúdicas utilizadas, revelando portanto que a intervenção feita na turma foi eficaz. Para além disso verificou-se que, a maioria dos alunos (83,3%) nutre grande preferência pela disciplina de Educação Física.

É parte integrante deste estudo também uma investigação feita no decorrer do estágio onde o objetivo primordial foi verificar quais perspetivas/representações das professoras de Educação Física sobre as duas (ou outras) conceções de Educação Física: Educação Física Pensada (do currículo) ou vivida (do indivíduo).

O grupo de estudo foi constituído por 4 professoras do 2º e 3º ciclo, sendo feita uma análise qualitativa. Para a recolha de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada. Os resultados revelam que enquanto uns professores direcionam aqueles alunos que tenham mais apetências para clubes, outros defendem que o que se pretende na Educação Física é que seja uma competição saudável e não aquela que procura o rendimento em si. É na vertente mais direcionada para a saúde que tem sido feito o maior investimento. Paralelamente no conjunto de todas as disciplinas escolares, a Educação Física é a única que possibilita o movimento, a corporalidade, a expressão de sentimentos/emoções. Por meio de constatações resultantes da investigação sugere-se a redução da imposição programática da Educação Física escolar. Conclui-se também que os professores procuram ações de formações que vão de encontro as suas necessidades, gostos e preferências. Considerando também que o formalismo em Educação Física não é o mesmo das outras disciplinas.

Palavras-chave: Educação Física, Movimento Pensado, Movimento Vivido.

Abstract

Practicum Report: Physical Education in School the movement lived and the movement thought - Study in females teachers

This study comes from the Supervised Teaching Practice and Seminar, integrated in the Master of Teaching Physical Education. This report includes a personal and institutional framework, the pedagogic intervention in the process teaching-learning, the participation in the school and the relation with the educative community, where are demonstrated the competences, difficulties and adopted strategies. Using my investigation's job, with my class, I tried to create strategies where Physical Education could allow students to express their feelings and play, forgetting those lessons which only the practice of some modality and the productivity matter. For this it was used a questionnaire including 18 students, 10 of those females and 8 males. In this way it was possible verified that 61,1 % of students are very much motivated with the used of playful strategies, revealing so that the intervention done in the group was efficient. Besides, we checked that the most of the students (83,3 %) likes the Physical Education subject.

This work includes also an investigation made during this study, which the main objective was to verify the perspectives/ representations of the teachers about the two (or others) conceptions of Physical Education: Physical Education Thought (from Curriculum) and Physical Education Lived (from individual).

The study group was constituted by 4 teachers of the basic school (2nd and 3rd cycle), based on a qualitative analysis. A semi structure-interview was used in the data collection. The results revealed that while some teachers direct the best students to sport clubs, others teachers defend healthy competition. In this last direction (competition), more towards the health, that the biggest investment has been made. Comparing with all subjects, Physical Education is the only that enables movement, corporeality and expression of feelings or emotions all combined. Through from research suggest the reduction of programmatic imposition of Physical Education. Therefore we can conclude that teachers search training is based on their needs and preferences, considering, naturally, that Physical Education's formalism is not the same as the others subjects.

Key-words: Physical Education, Movement Thought, Movement Lived

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice	ix
Índice de Tabelas	xi
1. Introdução	1
CAPÍTULO I: Realização da Prática de Ensino Supervisionada	3
1.1. Enquadramento Pessoal (Expetativas Iniciais)	3
1.2. Enquadramento Institucional (Caraterização da escola e do Meio).....	4
CAPÍTULO II: Intervenção Pedagógica no Processo de Ensino-Aprendizagem (Conceção, Planeamento, Realização, e Avaliação do ensino	6
2.1. Área 1 – Organização e gestão do ensino e da aprendizagem.....	6
2.1.1. Conceção	6
2.1.2. Planeamento	7
2.1.3. Realização.....	9
2.1.4. Avaliação	11
2.1.5. Impacto das estratégias utilizadas junto aos alunos.....	12
2.2. Área 2 - Participação na escola e relação com a comunidade educativa	15
2.2.1. Atividades Organizadas pelo Grupo de Estágio	15
2.2.2. Outras atividades	16
CAPÍTULO III: Investigação e Desenvolvimento Profissional “A Educação Física na Escola entre o Movimento Vivido e o Movimento Pensado”	17
3.1. Introdução.....	17
3.2. Revisão da Literatura.....	19
3.3. Problema e Objetivos	22
3.4. Metodologia.....	23
3.5. Análise e Interpertação dos Resultados	24
3.6. Conclusão	52
4. Considerações Finais	54
BIBLIOGRAFIA	55

Anexos.....	61
Anexo A - Plano Anual.....	62
Anexo B- Calendarização do Período	64
Anexo C- Planeamento da Unidade Didática.....	65
Anexo D-Plano de Aula	69
Anexo E- Questionário	73
Anexo F- Guião da Entrevista	74

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Frequência absoluta (n) e relativa (%) da amostra referentes ao Grupo A e Grupo B.	12
Tabela 2 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) da amostra relativa ao Grupo C.	14

1. Introdução

No âmbito da unidade curricular de prática de ensino supervisionada do 2º ciclo, conducente ao grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, do Instituto de Educação da Universidade do Minho, realizo o presente relatório, o qual constitui um documento de reflexão e análise sobre o desempenho global que prestei ao longo deste ano. As minhas considerações irão focar-se mais concretamente sobre o decorrer do estágio.

Primeiro que tudo quero deixar claro que penso que este ano foi de extrema importância para mim, já que pude operacionalizar todos os conhecimentos que fui assimilando ao longo destes meses em que tenho estado a apreender todo um vasto leque de matérias que, sem a ajuda do Estágio Pedagógico não passariam de meras premissas sem base de suporte.

Não quero com isto dizer que este ano não foi rico em momentos difíceis e de imenso trabalho, no entanto, os momentos de satisfação e alegria conseguiram sem dúvida superiorizar-se aos momentos menos bons que experienciei nesta fase. Assim sendo, este relatório visa, acima de tudo, transmitir as dificuldades, preocupações, atitudes e sensações que foram por mim vivenciadas no desenrolar do meu estágio. Como tal, farei referência aos aspetos mais significativos e que considero terem sido determinantes na minha prestação.

Pretendo também que este relatório espelhe o processo ensino/aprendizagem da minha turma, o meu desenvolvimento pessoal e profissional e o trabalho realizado pelo Núcleo de Estágio para a consecução das atividades desenvolvidas.

Neste relatório vou tentar descrever o mais fiel possível e elucidar da forma mais clara que encontrei, como decorreram essas mesmas fases do ano letivo.

O relatório é composto por três capítulos, onde estão referenciadas todas as estratégias, competências e dificuldades sentidas. O primeiro capítulo refere-se ao enquadramento pessoal da prática de ensino supervisionada, referindo as minhas expectativas iniciais assim como uma caracterização institucional e do meio. O segundo capítulo versa sobre a intervenção pedagógica no processo ensino-aprendizagem, inserindo dentro deste a conceção, planeamento, realização e avaliação. É neste capítulo que se encontra inserida a minha ação de intervenção com a turma de estágio. Tendo em conta o meu tema de investigação procurei criar estratégias onde a Educação Física

pudesse ter espaço para a expressão dos alunos, para exteriorização dos sentimentos, para o brincar e o jogar, não se centrando apenas naquelas aulas onde se procura a técnica de determinada modalidade e/ou o rendimento propriamente dito, e assim, procurar desta forma, uma motivação superior para as aulas. É claro que se procurou avaliar a eficácia das estratégias utilizadas através da evolução e do nível que os alunos vão atingindo e desta forma também dar voz aos alunos para que estes dessem a sua opinião sobre a perspectiva deles face à eficácia das estratégias utilizadas no decorrer das nossas aulas.

Para além disto, foi também realizada uma palestra sobre “Os Benefícios da Atividade Física Planeada para a Saúde”, para todos os alunos da escola, com o objetivo de estes compreenderem as regras de uma alimentação saudável; a importância de ser fisicamente ativo, aprender a ser fisicamente ativo, através de exercícios práticos devidamente delineados. Ainda neste capítulo abordo a minha relação com a escola e com a comunidade educativa. E por último, o quarto capítulo, refere-se ao trabalho de investigação feito no decorrer do ano, registando a sua posição no que concerne à importância da Educação Física na escola entre o movimento e vivido e o movimento pensado. Outra das funções deste documento prende-se com a necessária reflexão que é importante realizar neste momento em que terminámos este percurso.

CAPÍTULO I: Realização da Prática de Ensino Supervisionada

1.1. Enquadramento Pessoal (Expetativas Iniciais)

Vontade, ansiedade e curiosidade...este é o estado de espírito que me encoraja no início deste ano letivo, por poder conhecer uma nova realidade!

O Estágio revela-se de extrema importância para a nossa futura carreira como professores, uma vez que este, nos proporciona uma visão mais ampla da realidade, assim como uma previsão quanto ao futuro e à necessidade de uma atitude profissional em relação ao processo educativo em geral, e da disciplina de Educação Física em particular.

Passados quase cinco anos de formação específica na área de Desporto e Educação Física, eis que cheguei à última etapa e talvez esta a mais importante de todas. Não só pelo peso que representa na nota final do Mestrado, mas também pelo contacto com a realidade de trabalho na área respetiva, onde me é dada a oportunidade de colocar em prática tudo aquilo que aprendi até ao momento.

Relativamente à escola, as minhas expectativas são grandes pois é neste local que vou vivenciando muitas e novas experiências.

As condições para o desenvolvimento da prática desportiva são boas e acredito poder igualmente contar com a colaboração de todos os funcionários e professores que aqui trabalham e que certamente estarão recetivos para me poder ajudar.

Este é sem dúvida o ano que me vai permitir pôr em prática ensinamentos e conhecimentos resultantes das aulas teórico-práticas. No entanto, tenho consciência que a nível da educação, não há receitas pré-definidas logo, será um ano (o início de muitos outros) de contínua adaptação, já que se ajusta as aulas aos alunos e não os alunos às nossas aulas.

Tenho consciência de que, em muitos momentos, os planos de aula que me ocuparam horas a planear, simplesmente não poderão ser cumpridos, porque haverá necessidade de os alterar mediante circunstâncias específicas dos alunos. Afinal, é isto o ensino- adaptação, flexibilidade.

O papel do Supervisor e da professora cooperante é fundamental no decorrer deste ano, uma vez que é neles que busco mais conhecimento sobre o que realmente me

encontro a trabalhar. Certamente exigirá muito de mim mas, acredito que esse é o ponto de partida necessário para que, futuramente, me venha a sentir realizada a nível profissional.

Espero vir a dar um contributo, de forma a tornar esta profissão mais digna e respeitada na nossa sociedade. E portanto há, um longo caminho a percorrer, cheio de obstáculos, que tenho de contornar/resolver com esforço, procurando sempre os melhores meios para o fazer com eficácia. Tarefas novas e sempre mais difíceis, aguardam ainda uma solução da nossa parte, sendo fundamental o empenho e uma atitude de conquista na procura da «vitória».

A partir deste referencial, a minha autonomia, a capacidade de descoberta por mim mesma, a identificação consciente e concreta dos problemas, será certamente decisiva, na condução bem sucedida da minha intervenção pedagógica futura.

1.2. Enquadramento Institucional (Caraterização da escola e do Meio)

- **Caraterização do Meio**

A escola definida para local de estágio está situada no concelho da Póvoa de Lanhoso Distrito de Braga.

O concelho da Póvoa de Lanhoso é composto por 29 Freguesias englobando cerca de 25 mil habitantes no concelho, verificando que um quinto destes habitantes reside na sede do mesmo.

Este Concelho, encontra-se rodeado de algumas indústrias, consideradas tradicionais, que têm evoluído, fazendo assim com que alguns postos de trabalho ficassem assegurados.

No entanto apesar do concelho da Póvoa de Lanhoso não apresentar grande densidade populacional denota-se que existe algumas diferenças face aos habitantes, tanto a nível socioeconómico como a nível de escolaridade. Nas freguesias mais rurais verifica-se que estes vivem da agricultura e da pecuária, enquanto aqueles que se encontram mais perto do centro subsistem de algumas unidades fabris e comercio.

É de Salientar a importância e o impacto da instalação do Instituto Superior de Saúde do Alto Ave (ISAVE), que primeiro se encontrava situada na freguesia de

Fontarcada e agora encontra-se em Geraz do Minho, que veio dinamizar o tecido económico da região, estimulando o comércio e criando emprego.

É também de referência o clube que predomina no Concelho da Póvoa de Lanhoso, que é o Sport Clube Maria da Fonte, fundado em 1925, abrangendo diversas modalidades tais como o futebol, basquetebol (formação), pesca desportiva e atletismo.

A nível de instalações desportivas este concelho encontra-se rodeado de diversos pavilhões, campos de futebol, circuitos de manutenção, piscinas municipais etc.

- **Caracterização da Escola**

A escola tem 40 anos sendo que as instalações atuais têm apenas 28 anos. Atualmente a funcionar como agrupamento, este oferece Educação Pré-Escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos, CEF's e EFA's, ministrando ensino e formação, promovendo o desenvolvimento, a cooperação e o intercâmbio, reforçando progressivamente a prestação de serviços à comunidade.

Entende-se a Escola, no seu sentido mais lato, como uma cadeia de intercâmbios, de partilha de experiências e saberes, de valores que se interpenetram, que promove atividades educativas, culturais e até recreativas, plenas de intencionalidade pedagógica e norteadas pelo sucesso educativo pleno dos nossos alunos. A escola sede é composta por turmas do 2º e 3ºCiclo, sendo que do 5º ano existem 10 turmas, do 6ºano temos 9 turmas, 7º, 8º e 9ºano 6 turmas, tendo também 2 cursos EFA's, e 3 do CEF's. Na totalidade este agrupamento ministra desde o pré-escolar até ao 3ºciclo, composto por 80 turmas, perfazendo um total de 1956 alunos, sendo da escola EB 2,3 898 alunos.

Em relação ao corpo docente, a escola conta com 99 professores, 30 do género masculino e 69 do feminino. O agrupamento é composto por 165 professores onde 40 são do sexo masculino e 125 do sexo feminino. O grupo disciplinar de Educação Física é composto por 9 professores e 2 estagiários da Universidade do Minho sendo que do 2º ciclo são 4 professores, 3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, do 3ºciclo são 5 professores, 4 do sexo masculino e 1 do sexo feminino.

Quanto às instalações esta escola é composta por 38 salas mais um auditório, um pavilhão, um campo exterior, uma biblioteca, uma cantina, um bar, uma reprografia uma secretaria, todas elas em condições de serem utilizadas pelos alunos.

CAPÍTULO II: Intervenção Pedagógica no Processo de Ensino-Aprendizagem (Conceção, Planeamento, Realização, e Avaliação do ensino)

2.1. Área 1 – Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

“Os dilemas com que o professor de Educação Física se debate não o dispensam, pelo contrário prendem-no ao dever importante de reger um ensino científico e relevante para a vida do aluno.” (Bento, 1991).

2.1.1. Conceção

Um bom conhecimento do programa de Educação Física, por parte do professor é de tal relevância, que logo pode ser aplicado atempadamente, para que o ano letivo seja preparado de acordo com o que está estipulado, possibilitando assim, a aplicação de alguns reajustes necessários, adaptando-os às condições da escola, da respetiva turma e dos alunos. Este é um suporte fundamental para ajudar o professor na preparação e planeamento das suas aulas.

O planeamento é importante para que o ano corra com sucesso, numa primeira fase definiram-se os objetivos, conteúdos e algumas indicações metodológicas para o 5ºano, não esquecendo, o que está definido no Programa Nacional.

A complexidade do programa de Educação Física, por vezes, torna-se desadequado, “obrigando” assim o professor a reajustá-lo ao contexto escolar em que se encontra. Esta possibilidade de reajustamento, em que há como que uma certa flexibilidade, ajuda-nos a tornar esse programa mais real, adaptando-o à realidade do contexto com que nos deparamos.

A turma que me foi atribuída, foi 5ºF, composta por 21 alunos dos quais (11 meninas e 10 meninos), com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos.

Com o decorrer das aulas fui adquirindo informação que me ajudou a conhecer melhor a minha turma, informação esta que caracteriza e avalia pouco a pouco cada aluno. Com base nesta recolha, posso assim fazer uma ligeira análise dos pontos positivos e menos positivos dos meus alunos. De um modo geral, no ambiente escolar a turma apresenta um bom aproveitamento nas diversas disciplinas.

A turma apresenta ainda dois alunos com necessidades educativas especiais, onde um deles é acompanhado individualmente em cada aula de Educação Física sendo

este um aluno com multideficiência (trisomia 21 e autista), o outro encontra-se completamente integrado com o resto da turma, apresentando algumas dificuldades na fala, mas aparentemente e pelos resultados obtidos parece ser um aluno com um razoável aproveitamento até ao momento. Na turma, uma das alunas, sofre de distúrbios emocionais (começa constantemente a chorar sem motivo aparente), pensa-se que o motivo deste distúrbio seja pelo facto de os pais serem divorciados e a mãe ter sido vítima de violência doméstica; a aluna é acompanhada pela psicóloga da escola necessitando assim de uma maior atenção por parte do corpo docente. O nível de instrução dos pais situa-se ao nível do ensino básico e muitos deles nem isso têm; apenas dois alunos têm pais com habilitações académicas ao nível do ensino superior.

De um modo geral é uma turma que mostrou ter uma boa motivação mas verifica-se um nível motor muito baixo, poucos são aqueles que se destacam. Assim, tentei ir de encontro às necessidades e dificuldades de cada um.

O comportamento da turma face às aulas de Educação física foi excelente, havia uma ou outra aula em que eles fugiam á regra (como era de esperar), mas em geral mostraram uma interessante predisposição para a atividade.

2.1.2. Planeamento

O planeamento é um instrumento didático-metodológico fundamental para que o processo ensino/aprendizagem se desenvolva e concretize, tratando-se pois, de um método de previsão, organização e orientação desse processo. Para Sousa, (1991) os objetivos principais para que o planeamento possa ser um instrumento facilitador das decisões a ser tomadas são a previsão, a racionalização e a eficácia do processo de ensino.

Surge portanto a necessidade da planificação, onde esta inclui o plano anual (anexo A), a calendarização do Período (anexo B), o Planeamento das Unidades didáticas (anexo C), e finalmente os planos de Aula (anexo D).

Para cada Período e seguindo o Programa Nacional do 2ºCiclo, o Grupo de Educação Física definiu as seguintes modalidades para o 5ºano de escolaridade: 1º Período (a realização da bateria de testes Fitnessgram, Jogos Pré Desportivos, Atletismo, Badminton), 2ºPeríodo (Voleibol, Ginástica de Solo) e no 3º Período (Futebol, Ginástica de Aparelhos, aplicação da bateria de testes Fitnessgram). Aqui cabe-me justificar o facto da modalidade de badminton não estar referenciada no programa do 2ºciclo para o 5ºano e esta aparecer na planificação. O grupo de Educação

Física considerou importante incluir esta modalidade, uma vez que para além dos alunos gostarem da mesma, existem na escola dois grupos do Desporto Escolar abrangendo desde logo os infantis, modalidade esta que desde há alguns anos a esta parte tem muita tradição na escola e apresenta ótimos resultados nos quadro competitivos. Para que o planeamento possa contemplar todos os aspetos e tenha validade, é necessário ter em conta as condições pessoais, sociais, materiais e locais, para se atingir todos os domínios da personalidade dos alunos. As infra-estruturas têm uma excelente condição, e nas horas que leciono os espaços não se encontram completamente ocupados, tendo flexibilidade de os poder utilizar sem qualquer problema. É natural que um dia ou outro tive de partilhar o espaço com outro professor, dando aulas em apenas meio pavilhão o que me dificultou muitas vezes a aplicação da planificação, como por exemplo: *“Os alunos estavam muito inquietos e completamente desatentos, penso que isto foi devido ao barulho existente ao lado, pelo facto de estar a decorrer uma aula de dança, e portanto, a atenção deles virava-se mais para o outro lado, e não propriamente para a aula a aula em questão.”* Reflexão da aula nº 73.

O planeamento das aulas é um ponto importante no processo de ensino aprendizagem, e portanto elaborei um planeamento anual por forma a calcular o número efetivo de dias de aulas em todo o presente ano letivo, o número efetivo de horas disponíveis (em conjugação com o nosso horário) para lecionar, marcar os «pontos altos» no decurso do ano, tais como datas festivas, convívios desportivos e atividades propostas pelo Grupo de Educação Física, as interrupções letivas, considerar os recursos materiais e o sistema rotativo das instalações. Deste modo, o sucesso das nossas aulas começa no planeamento das mesmas. Assim, procurei elaborar as aulas tendo sempre presente, não só os conteúdos programáticos definidos (escolha e ordenamento adequado das matérias), mas também os alunos (situações de aprendizagem ajustadas aos alunos e aos objetivos).

No que diz respeito à unidade didática, o planeamento não deve centrar-se apenas na matéria, mas também no desenvolvimento da personalidade dos alunos, levando-os a compreender as funções principais de cada aula, devendo-se portanto adequar os exercícios às capacidades dos alunos tendo em conta a idade, as qualidades físicas e a capacidade de aprendizagem, uma vez que estes não se encontram todos no mesmo estágio de desenvolvimento.

2.1.3. Realização

É neste parâmetro que é posta em prática a concepção e planeamento acima mencionados. Portanto, tive como objetivo tentar sempre apresentar a informação de forma sucinta, focada nos objetivos, nas situações de aprendizagem, na estrutura e na organização da aula, estabelecendo um paralelo com as aprendizagens anteriores, e verificando se os alunos estão a compreender tudo aquilo que lhes tentei transmitir. Tentei sempre não ocupar demasiado tempo da aula, privilegiei o questionamento como método de ensino, procurei começar a aula respeitando o horário, utilizando a contagem dos alunos para verificação das presenças por forma de economizar também aqui algum tempo, fazendo apenas a anotação dos alunos faltosos no final da aula.

Na realização e execução dos exercícios tentei sempre mostrar de forma prática todos os exercícios para que os alunos conseguissem entender melhor o objetivo desse mesmo exercício. Sempre que possível a demonstração foi feita com um aluno.

Tendo sempre em conta estes aspetos, tentei sempre posicionar-me num ponto estratégico do espaço da aula, para que assim todos os alunos pudessem ouvir a explicação dos exercícios e de certa forma ficar com uma visão mais ampla da turma como por exemplo *“no decorrer da aula tentei-me colocar num sítio estratégico de forma a ter uma visão mais ampla de forma a controlar a turma”* reflexão da aula nº 25. Um ponto que confere bastante importância à comunicação entre o professor e o aluno na aula é a informação frequente e adequada à prestação do aluno. Durante a atividade, tentei, sempre que necessário, fornecer indicações aos alunos, quer individuais, quer coletivas, com a preocupação de restringir a informação aos aspetos que se tornavam essenciais, a fim de evitar tempos mortos e para que os alunos se apercebessem do que era fundamental, como por exemplo: *“quando necessário procurei dar feedbacks individuais (a um aluno) e coletivos (à turma) e sempre corretivos e descritivos, com o sentido de promover uma melhoria na execução dos gestos. Também dei constantemente feedbacks positivos com o intuito de os motivar”*, reflexão da aula nº 41 e 42. Outro aspeto importante e que sempre tive em atenção, foi a colocação da voz. Aspetos que inicialmente não foram bem utilizados, tendo incorrido várias vezes em utilizar uma linguagem pouco técnica.

Quanto à condução da aula, penso que as aulas assistidas pela minha professora cooperante e colega estagiário revelaram-se de extrema importância na fase inicial. Foi importante na medida em que me forneceram feedbacks da minha intervenção

pedagógica, quer ao nível de postura, controle de turma, organização das tarefas e estratégias de ensino utilizadas.

No que diz respeito às dificuldades, as mais sentidas foram no início do ano letivo, principalmente na gestão da aula, já que não tinha um conhecimento muito aprofundado de quanto tempo seria necessário para a execução de um exercício, tendo incorrido inicialmente em programar muitos exercícios para uma aula, não realizando no final toda a aula programada ou não possibilitando tempo de prática aos alunos. Por outro lado, estava mais concentrada em cumprir os tempos estipulados do que corrigir os alunos. No decurso do mesmo, depois de me adaptar a estes aspetos, pude libertar e canalizar a minha atenção para outras questões, ligadas de forma mais direta com os alunos. Um outro aspeto em que senti mais dificuldades, foi saber como mobilizar os alunos para a prática de modalidades que à partida não os motivavam. No caso das modalidades coletivas tentei focar sempre o aspeto que mais os aliciava, o jogo. Em relação à ginástica foi mais difícil, aqui tive que me reportar à melhoria técnica e consequente crescimento do gosto pela atividade, propondo exercícios lúdicos, sempre que possível.

Portanto ao nível da ginástica de solo, as principais dificuldades sentidas, prenderam-se em muito com o nível técnico dos alunos, pois os níveis motores da minha turma eram relativamente baixos logo o nível motivacional dos alunos para esta modalidade era muito baixo. Esta é uma modalidade que exige muito cuidado, e portanto, esta foi sem dúvida uma das modalidades que mais dificuldade me trouxe devido aos cuidados a ter principalmente nas ajudas. A estratégia utilizada para a realização desta unidade didática foi a criação de grupos, já que assim consegui um importante fator motivador que concorre para o êxito de todo o processo ensino/aprendizagem, para além do seu fator de rentabilização espaço/temporal. Esta forma de trabalho serviu para ter uma maior organização e controlo da aula por parte do professor.

No final da aula tentei sempre informar os alunos sobre as suas dificuldades face aos objetivos estabelecidos.

De salientar a palestra realizada sobre Benefícios da Atividade Física planeada para a Saúde para toda a comunidade escolar, com o objetivo de compreender as regras de uma alimentação saudável; compreender a importância de ser fisicamente ativo; aprender a ser fisicamente ativo, através de exercícios práticos devidamente delineados. Procurando desta forma criar um impacto positivo na saúde dos nossos jovens, até

porque há janelas de oportunidade que vão surgindo desde cedo, e caso não exista a devida intervenção podem daí advir consequências irreparáveis para o futuro.

2.1.4. Avaliação

A avaliação é um ponto fulcral para o desenvolvimento de todos alunos/comunidade educativa, sendo que, conjuntamente com planeamento do ensino, estabelecem tarefas centrais da atividade de qualquer professor. É importante que se definam objetivos sem que estes sejam demasiado ambiciosos. Assim, o professor deve avaliar o seu processo, tendo em conta o progresso dos seus alunos. Para que o aluno conseguisse realizar os exercícios que lhe eram estabelecidos, tentei sempre, ajustar as estratégias ao ritmo de aprendizagem do mesmo.

Desta forma, a avaliação requer grande dedicação e efetuou-se: no decorrer e/ou final de cada aula, através da observação direta; no início de cada unidade didática, através de uma ficha de avaliação diagnóstica, por forma a identificar mais facilmente o nível de prestação inicial dos alunos; e no final da unidade didática para verificar a evolução operada nos alunos através de uma ficha de avaliação sumativa. Na primeira aula da unidade didática de Ginástica e de todas as outras modalidades delineadas para o ano em questão, os alunos foram sujeitos à referida avaliação diagnóstica, com o objetivo de verificar o seu nível inicial face aos objetivos definidos para a unidade didática, sendo esta avaliação feita de forma individual. Foi feita avaliação formativa no decorrer de todas as aulas tornando o processo mais justo e criterioso, uma vez que os dados são recolhidos em todos os momentos do processo ensino/aprendizagem. E por último, foi feita uma avaliação final (sumativa), que foi levada a cabo na última aula da unidade didática, sendo exatamente igual à avaliação feita na aula de avaliação diagnóstica. Este tipo de avaliação permite ao professor verificar se realmente os objetivos inicialmente definidos foram ou não alcançados, e consequentemente se a estratégia adotada foi ou não bem-sucedida. Portanto, desde que os critérios de avaliação estejam bem definidos e com um pouco de experiência de observação, a avaliação decorre bem conseguindo-se distinguir os alunos relativamente ao seu desempenho. No entanto esta tarefa foi mais complicada do que pensava, pois ter o controlo da turma e ao mesmo tempo avaliar individualmente cada aluno, tornou-se numa tarefa muito difícil.

Permiti também que o aluno fizesse a sua própria Autoavaliação, dando oportunidade ao aluno de aprender a conhecer-se e a valorizar -se, tornando-se consciente das suas limitações e possibilidades.

2.1.5. Impacto das estratégias utilizadas junto aos alunos

Neste contexto de avaliação também fizemos uma avaliação aos alunos da turma tendo em vista as representações deles sobre o ato pedagógico. Esta avaliação acabou também por dar resposta ao pedido formal solicitado neste campo da prática de ensino supervisionado levando assim a que a investigação tocasse em aspetos pedagógicos da relação professor-aluno-escola.

A amostra deste estudo é formada por 18 sujeitos de idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos, 10 são do sexo Feminino e 8 são do sexo Masculino. Todos estes sujeitos pertencem á turma que lecionei (5ºano). Os instrumentos utilizados para a recolha dos dados foi um questionário (Anexo E). Para o tratamento de dados utilizei o Microsoft Exel 2007.

Tabela 1– Frequência absoluta (n) e relativa (%) da amostra referentes ao Grupo A e Grupo B.

	TODOS		RAPAZES		RAPARIGAS	
	N	%	n	%	N	%
			<i>Grupo A</i>			
Consideras que ao longo do ano letivo evoluíste nas aulas de EF?						
- Muito Pouco	---	---	---	---	---	---
- Pouco	---	---	---	---	---	---
- Razoável	4	22,2	1	12,5	3	30,0
- Muito	13	72,2	6	75,0	7	70,0
- Imenso	1	5,6	1	12,5	---	---
Achas que a estratégia adotada de utilizar muitas atividades lúdicas nas aulas te motivou?						
- Muito Pouco	---	---	---	---	---	---
- Pouco	---	---	---	---	---	---
- Razoável	2	11,1	1	12,5	1	10,0
- Muito	11	61,1	2	25,0	9	90,0
- Imenso	5	27,8	5	62,5	---	---
Na tua opinião, as aulas de EF foram úteis para que consigas trabalhar em grupo e/ou a superar as dificuldades?						
- Muito Pouco	---	---	---	---	---	---
- Pouco	---	---	---	---	---	---
- Razoável	1	5,6	---	---	1	10,0
- Muito	9	50,0	4	50,0	5	50,0

- Imenso	8	44,4	4	50,0	4	40,0
----------	---	------	---	------	---	------

	<i>Grupo B</i>					
Como classificas o teu gosto pela Educação Física?						
- Detesto	---	---	---	---	---	---
- Não Gosto	---	---	---	---	---	---
- Gosto Pouco	1	5,6	---	---	1	10,0
- Gosto	2	11,1	1	12,5	1	10,0
- Adoro	15	83,3	7	87,5	8	80,0
Como classificas o teu interesse pelas matérias contempladas no programa de EF?						
- Detesto	---	---	---	---	---	---
- Não Gosto	---	---	---	---	---	---
- Gosto Pouco	5	27,8	2	25,0	3	30,0
- Gosto	11	61,1	6	75,0	5	50,0
- Adoro	2	11,1	---	---	2	20,0

Observando a tabela nº1 referente ao grupo A, podemos verificar que 72,2% da amostra estudada considera que evoluiu muito no decorrer das aulas de Educação Física. Fazendo a diferenciação entre rapazes e raparigas, verifica-se que os rapazes consideram que evoluíram mais face aos resultados obtidos pelas raparigas, embora a percentagem que os separa seja apenas de 5%. Um razoável número de alunos, 22,2% considera que evoluiu razoavelmente. Apenas 5,6% da amostra considera que evoluiu imenso, sendo apenas referente ao sexo masculino.

No que diz respeito à motivação dos alunos face a estratégias/atividades lúdicas adotadas, 61,1% da população estudada considera que as brincadeiras, atividades lúdicas os motivou para as aulas, 27,7% refere que os motivou imenso, e 11,1% evidenciam que foram razoáveis, sendo que, 90% das raparigas se sentem muito motivadas com este tipo de atividades. Já 62,5% dos rapazes considera que as estratégias utilizadas nas aulas os motivaram imenso. Quanto à questão referente ao que os alunos pensam sobre as aulas de Educação Física, verifica-se que 50% da amostra estudada considera que as aulas de Educação Física foram muito úteis para conseguir trabalhar em grupo e/ou a superar as dificuldades. No entanto, 44,4% da amostra considera que as aulas de Educação Física os ajudaram imenso a integrarem-se em grupo e superar dificuldades e apenas 10% refere que foram razoáveis.

Analisando o grupo B, verifica-se que 5,6% da amostra gosta pouco da disciplina de Educação Física, 11,1% dos alunos gosta, e 83,3% dos alunos, ou seja, a

maioria adora a disciplina. Verifica-se portanto que, a larga maioria da amostra, gostam/adoram a disciplina de Educação Física.

Verificou-se também que no interesse pelas matérias contempladas no programa de EF 27,8% dos alunos gostam pouco, no entanto 61,1% dos alunos gostam e apenas 11,1% dos alunos adoram.

Tabela 2- Frequência absoluta (n) e relativa (%) da amostra relativa ao Grupo C.

	TODOS		RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	N	%	n	%
Em que disciplina te exprimes de um modo mais genuíno/autêntico?						
- Educação Física	12	66,7	7	87,5	5	50,0
- História	1	5,6	1	12,5		
- Educação Tecnológica	1	5,6	---	---	1	10,0
- Educação Visual	4	22,2			4	40,0
Estando a terminar as nossas aulas de EF, o que gostaste mais de realizar/praticar?						
- Jogos pré-desportivos	6	33,3	2	25,0	4	40,0
- Futebol	6	33,3	4	50,0	2	20,0
- Badminton	3	16,7	1	12,5	2	20,0
- Ginástica	3	16,7	1	12,5	2	20,0

Analisando a tabela 2 pode-se verificar que 87,5% dos rapazes e 50% das raparigas consideram que a disciplina de Educação Física é aquela em que se sentem mais à vontade, onde se exprimem melhor, ou seja 66,7% da população estudada refere que é a disciplina em que melhor exteriorizam os seus sentimentos, onde se sentem mais “livres”, aquela em que melhor se exprimem. Podemos também observar que 22,2% dos alunos referem a Educação Visual como sendo a disciplina onde melhor se exprimem.

De salientar que uma pequena parte da amostra 5,6% fazem referência à disciplina de Educação Tecnológica e de História como sendo aquela em que se exprimem de um modo mais genuíno. Quando questionados os alunos sobre a matéria que gostaram mais de realizar verificou-se que, 33,3% da nossa amostra referem o Futebol e os Jogos-pré-Desportivos como sendo a matéria que mais gostaram de realizar, sendo que no Jogos-pré-Desportivos as raparigas representam 40% e os rapazes 25%, já no Futebol temos 50% de rapazes para 20% das raparigas. Obtivemos ainda que 16,7% da amostra referencia o Badminton e a Ginástica como sendo a matéria que mais gostaram de abordar.

2.2. Área 2 - Participação na escola e relação com a comunidade educativa

Como todos sabemos a inserção de qualquer indivíduo num grupo pressupõe um conjunto de trocas e concessões mútuas entre ambas as partes, é portanto importante que exista integração por parte de cada docente e professor estagiário na escola. Para que o aluno tenha um processo ensino aprendizagem bom, é necessário que todos os envolventes da comunidade escolar (aluno, direção, professores, funcionários e encarregados de educação) estejam em constante cooperação. Assim, sensibilizada para uma escola ativa e dinâmica, envolvi-me em algumas atividades que me motivaram e reforçaram o meu papel de professora. Destaco aqui o contributo da professora cooperante que nos alertou e incentivou para a necessidade de participação neste género de atividades, visto esta experiência contribuir para uma melhor consecução das mesmas.

O núcleo de estágio pretendeu sempre ter uma participação ativa na vida escolar, deste modo, realizou algumas atividades, umas inteira responsabilidade e outras em parceria com outros docentes.

2.2.1. Atividades Organizadas pelo Grupo de Estágio

As atividades que ficaram da responsabilidade do Núcleo de estágio foram:

Torneio de Salto em Altura, pretendendo com esta atividade motivar os alunos para uma atividade que tem uma exigência técnica mais elevada, permitindo trabalhar as habilidades motoras dos alunos e desta forma fazer com que se divirtam e fazer com que tenham novas experiências.

Torneio de Cordas, esta atividade teve como objetivo promover atividade física e permitir a vivência de novas atividades aos alunos. A adesão dos alunos foi muito positiva. A maioria dos alunos da minha turma participou na prova dos 30 segundos, apenas uma aluna participou na prova dos 2 minutos, isto porque, no decorrer das aulas foram feitas provas para aprovar os alunos para as provas dos 2 -minutos. Para serem aprovados os alunos teriam de realizar um mínimo de 210 saltos. Na prova dos 30 segundos podiam participar todos alunos, sem mínimos.

“workshop”: sobre os Benefícios do Exercício Físico Planeado para a saúde, destinado à comunidade escolar, de modo a sublinhar a sua importância na prevenção de patologias, no fomento do bem-estar e da socialização, entre outros fatores. Esta

atividade realizou-se no dia 14 de Março (para toda a comunidade escolar), e envolveu uma parceria com uma equipa da Saúde Escola que desenvolve um trabalho atualmente na escola. Para a apresentação desta atividade contámos com a participação de dois oradores (para o desenvolvimento do tema em questão), o Doutor Ademar Correia, psicólogo e a professora Doutora Rafaela Rosário Enfermeira de formação. A restante mesa foi composta por mim e pelo meu colega Diogo Fonseca. Abordámos os resultados obtidos nos testes de Fitnessgram, bem como, direcionámos a nossa intervenção para questões relacionadas com o exercício planeado para a saúde. Foi uma atividade muito interessante uma vez que os alunos ficaram a conhecer os resultados obtidos de toda a bateria de testes por eles realizados no início do ano letivo, e para além disso, foi importante reforçar a ideia de que o exercício físico faz bem à saúde, assim como uma alimentação saudável. Esta atividade teve como objetivos: compreender as regras de uma alimentação saudável; a importância de ser fisicamente ativo; ser capaz de selecionar os alimentos quando os vai comprar; ser capaz de resistir à pressão dos colegas para ir comer ao bar/café em vez de comer na cantina; promover a cooperação e a ajuda entre as crianças como forma de ultrapassar as dificuldades, por oposição aos atritos ou ao gozo, que por vezes ocorre neste tipo de situações de obesidade infantil/juvenil.

2.2.2. Outras atividades

Prova de escalada: Esta prova tinha como objetivo a divulgação e promoção da escalada, verificando os alunos que mais capacidades apresentavam para a modalidade, incentivando-os assim a inscreverem-se para o grupo de Desporto Escolar de escalada.

Corta-Mato: teve como destinatários todos os alunos do 2º e 3º Ciclos da Escola EB 2/3 professor Gonçalo Sampaio e do 3º ciclo e secundário da Escola Secundária da Póvoa de Lanhoso. Da EB 2/3 participaram. Mais do que encontrar vencedores pretendia-se que os alunos participassem de forma maciça neste evento. A julgar pelo número de participantes, julgamos que este desiderato foi atingido.

CAPÍTULO III: Investigação e Desenvolvimento Profissional

“A Educação Física na Escola entre o Movimento Vivido e o Movimento Pensado”

3.1. Introdução

Educar significa pois, permitir que o educando conheça as múltiplas significações e as compreenda a partir de suas vivências (Duarte Júnior, 1988, cit. por Surdi & Colaboradores (s/d))

A área da educação é um universo muito amplo para ser definido ou rotulado. O aluno é uma caixinha de segredos onde cada um possui uma chave diferente, e para que essa caixinha seja aberta, é preciso que haja a experimentação de vários saberes.

Segundo Pena, (2008), “Não basta ser professor é preciso ser mestre”, e é por isso que é necessário buscar a potencialidade de cada indivíduo, conhecendo assim cada um, e trabalhar as suas habilidades. Além disso, é preciso que ele tenha um discurso claro, que adquira conhecimentos; conheça os valores mas também que possua sentimentos. Nos últimos anos a Educação Física Escolar é vista numa perspectiva cultural, e é a partir deste referencial que se considera a Educação Física como parte da cultura humana, ou seja, práticas ligadas ao corpo e ao movimento, criadas pelo homem ao longo da sua história. Ela constitui-se numa área de conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de jogos, ginásticas, lutas, danças e desportos. É nesse sentido que se tem falado atualmente de uma cultura corporal, ou cultura física, ou ainda, cultura de movimento, (Marques & Krug, 2008).

Freire (1991 cit. por Marques & Krug, 2008), atribui à Educação Física um papel de ensino de movimentos respeitando as individualidades da criança, o estímulo à liberdade e à criatividade individual. Neste contexto o professor assume uma “personagem”, a qual deve aplicar as atividades físicas por meio de exercícios de fácil execução, com graduação para cada idade e tendo em conta a evolução física e psíquica do aluno, dando-lhe liberdade para se movimentar espontaneamente e da forma que desejar. Barros e Barros (1972 cit. por Marques & Krug, 2008), referem que as atividades de correr, saltar, arremessar, trepar, pendurar-se, equilibrar-se, levantar e transportar, puxar, empurrar, saltitar, girar, permitem a descarga da agressividade, estimulam a autoexpressão, concorrem para a manutenção da saúde, favorecem o crescimento, previnem e corrigem os defeitos de atitudes e boa postura. É evidente que estas atividades devem ser adequadas ao estado de desenvolvimento de cada criança

para assim fazer com que os movimentos sejam próprios ao seu grau de desenvolvimento morfo fisiológico, o que contribui de maneira significativa para o avanço orgânico e funcional dos alunos em cada etapa de sua vida escolar.

Segundo Marco (1995 cit. por Marques & Krug, 2008), a Educação Física também deve ser: “um espaço educativo privilegiado para promover as relações interpessoais, a autoestima e a autoconfiança, valorizando-se aquilo que cada indivíduo é capaz de fazer em função de suas possibilidades e limitações pessoais”.

Quando a criança joga compromete toda sua personalidade, não o faz para passar o tempo. Podemos dizer, sem dúvida, que o jogo é o “trabalho” da infância ao qual a criança se dedica com prazer. Em tempos, o jogo era encarado na sociedade como algo fácil repousante e divertido, que se opunha ao sério, sem qualquer consequência na vida real, sempre afastado da atividade produtiva, portanto, que nada produzia, sendo mesmo considerado uma atividade estéril (Callois, 1967 cit. por Lança 2009). Ao nível do jogo, a criança só o explora verdadeiramente se estiverem criadas todas as condições necessárias: a segurança, a possibilidade de aumentar e explorar novas experiências e a percepção exata dos objetivos. O jogar e o brincar possibilitam a relação da criança com a responsabilidade e a liberdade, ou seja, permite a criatividade, a liberdade de exploração corporal de expressão e de comunicação, e a possibilidade de opinião crítica sobre o que experimenta. Segundo Lança, (2009), este tipo de atividades tem um papel profundo no processo de desenvolvimento e aprendizagem das capacidades motoras e físicas. No entanto, o meio que rodeia a criança revela-se determinante, proporcionando-lhe a diversidade de ofertas que poderão influenciar a sua formação como ser Humano.

Com base em pesquisas feitas em Educação Física, Kunz (2010), refere que o movimento humano foi, até hoje, muito pouco abordado. Em geral, embora a Cultura de Movimento existente seja o desporto, a dança, a ginástica, a luta, a brincadeira e o jogo, é uma cultura que envolve um sentido de grande racionalidade onde esses movimentos podem ser copiados, imitados, ensinados. Há, no entanto, uma grande tendência para a sua padronização mesmo que em algumas dessas atividades da cultura de movimento, o grau de flexibilidade, de liberdade para a subjetividade e para a descoberta estejam presentes como nos jogos e brincadeiras.

3.2. Revisão da Literatura

Quando nos situamos no campo da experiência humana, surge a ideia de mundo vivido (Husserl, 2001), o mesmo é dizer o real no seu sentido pré-teórico e pré-reflexivo (Surdi & Kunz 2010).

Com o passar do tempo e com as experiências que o ser humano vai adquirindo ao longo da vida, as mesmas vão possibilitar conhecer melhor o mundo e a si mesmo. É a partir deste referencial que o ser humano consegue uma capacidade refletiva e prática que o ajuda a melhorar a sua vida, bem como o mundo em que vive. Esta capacidade de pensar e agir é que vai tornar a pessoa capaz de ser autônoma e crítica e criativa sobre a realidade em que vive que quer transformar. Segundo Surdi & Kunz (2010), *“a tomada de consciência sobre o mundo é um fator decisivo que proporciona ao ser humano ser sujeito das suas ações”*.

O ser humano com a crescente padronização dos movimentos encontra-se fora desta dimensão vivida - internamente vivida. O indivíduo passa a ser um objeto de realização de movimentos que são pré-estabelecidos e direcionados para o desporto, lutas, danças e outras formas de agilidade motora. Na escola o que acontece é isso mesmo, as crianças/alunos têm que se adaptar àquilo que é exigido pelo professor, bem como às normas e regras estabelecidas pela própria escola. Neste contexto, Surdi & Kunz (2010), fazem o elogio à fenomenologia humana colocando o ser humano no centro do processo do conhecimento, ao produzir e a utilizar as suas experiências e vivências, até mesmo o seu poder de criação e construção

O movimento Humano hoje parece centrado em estudos que convocam as ciências do desporto. Baseando-se na teoria do movimento Humano Hildebrandt (2001, cit. por Surdi & Kunz 2010), identificou dois paradigmas para entender o movimento humano: o das ciências Naturais e o da visão fenomenológica. Quanto ao paradigma das ciências, entende o movimento humano apenas como deslocamento do corpo físico no tempo e no espaço, sendo que as pesquisas são centradas na biomecânica, biologia e fisiologia que buscam no movimento humano a sua eficácia, otimização e padronização na melhoria dos resultados, tendo portanto os movimentos desportivos importância neste sistema, pois os seus movimentos devem ser ordenados conforme padrões de resultados e normas passíveis de descrição e quantificação. A escola e principalmente as aulas de Educação Física foram colonizadas pela padronização do desporto e da competição, desenvolvendo os princípios das

comparações, das comparações objetivas que como consequências imediatas foram implantadas as tendências do selecionamento, da especialização e da instrumentalização (Kunz,1991, cit por Surdi &Kunz2010).

Segundo Surdi (2010), todo o movimento analisado até ao momento mostra que o ser humano é educado para realizar movimentos baseados numa ordem externa a ele. Geralmente, ele deve obedecer a um padrão pré estabelecido, (ex: Desporto). Quanto ao paradigma da visão fenomenológica, é caracterizado como sendo pedagógico, cujo principal objetivo é a percepção das pessoas a movimentarem-se, e nunca o movimento propriamente dito. Tamboer (1991 cit. por Surdi & Kunz 2010), baseado neste princípio compreende o movimento humano como sendo uma metáfora, citando que este movimento é um diálogo entre o homem e mundo. O movimento torna-se a linguagem do homem perante o mundo.

Para Kunz , (1991 cit. por Surdi & Kunz 2010), o movimento intencional pode ser adquirido baseado em três formas: a forma direta, em que a sagacidade acontece com base na intenção espontânea das pessoas como uma ação não pensada, ou seja, os movimentos, as respostas, surgem espontaneamente, como por exemplo o primeiro contato de uma criança com uma bola (chutar, pontapear, lançar); ela entende perfeitamente o que fazer com uma bola.

Uma outra forma é a apreendida, que surge pela aprendizagem e intencionalidade, ou seja, desenvolve-se através da ideia de imagem do movimento. Neste sentido não se quer valorizar a imitação, mas sim incentivar a que a criança de forma intencional possa executar o movimento baseado em poucas informações e assim chegar a um fim. A terceira e última forma são a criativo-inventiva, que surge da intencionalidade inventiva e criativa por parte de cada um.

É de salientar que Surdi & Kunz (2010), ao refletir sobre a fenomenologia humana elegem a percepção, a sensibilidade e a intuição como elementos constituintes e determinantes. Estes três fatores são muito importantes para compreender o “se movimentar” e as suas relações com o mundo da vida - vivido. A percepção do se movimentar pode melhorar a qualidade de vida (do indivíduo) no tempo e no espaço; a sensibilidade ajuda a lidar com os outros, com o próprio e ainda com o envolvimento; finalmente a intuição permite ao ser humano sentir antecipadamente a performance desportiva.

Atualmente, nas aulas de educação física, para além de se incentivar à competitividade, exige-se que se respeitem os valores que a ela se associam. Neste

contexto Surdi (2010), refere que o sistema escolar acaba por ser muito importante para direcionar a formação crítica e criativa dos alunos. O desporto de alto rendimento é o modelo para as práticas desportivas nas escolas. A crítica que surge é que os ideais de capitalismo começam a surgir, para além de os alunos se tornarem uns “imitadores” de informações motoras, sendo controlados cada um dos seus movimentos pelo seu professor, fazendo assim do aluno uma marioneta, pois ele é que decide como, quando e por que o aluno deve movimentar-se. Para Surdi, Camilo Cunha & Kunz (s/d), a criança vive entre uma interioridade e uma exterioridade. Referindo assim que a escola parece só dar, estimular e propor exterioridade, e também que o brincar, que é onde se mostra a intencionalidade, é agora substituído por ordens vindas de fora, a exterioridade.

Para Surdi & Kunz (2010), o principal conteúdo do trabalho pedagógico da Educação Física é o movimento humano. Com isto o autor evidencia quatro concepções básicas de como a Educação Física tem vindo a ser trabalhada: a concepção biológica-funcional, que eleva como teor de ensino o exercício físico; a concepção formativa recreativa, onde a Educação Física participa na formação social do aluno, adaptando as suas exigências às exigências da sociedade; a concepção técnico-desportiva sendo esta a mais utilizada atualmente nas escolas; e finalmente a crítico-emancipatória, que evidencia a expressão e comunicação como hipótese de entendimento do movimento humano. É aqui nesta última concepção que a Educação Física se torna o percurso onde o se-movimentar pode ser entendido e melhorado como forma de expressão que permite um reconhecimento mais reflexivo do mundo. Para Kunz (1994, cit. por Surdi & Kunz 2010), *“o se-movimentar deve vir do aluno através de um processo de construção e problematização, em que o aluno utiliza o seu reportório cultural de movimento para produzir uma comunicação significativa com o aluno”*.

Segundo Surdi & Kunz (2010), para que o movimento humano seja compreendido de forma mais natural (fenomenológico), deve convocar matérias de ensino mais naturalistas. Toda a escola deve estar disposta às eventuais possibilidades de participação dos alunos no processo educacional. Portanto tudo aquilo que os alunos experimentam e trazem de casa deve ser destacadas, de forma a que este perceba e consiga fazer relações significativas que melhorem a sua vida.

De salientar que o movimento próprio de cada aluno(sua individuação) deve ser valorizado, tendo a escola e os próprios professores um papel fulcral para que as transformações educacionais aconteçam.

Os professores devem procurar de forma mais ampla o sentido do movimento humano, para isto, terão de reforçar os seus estudos baseados na sociologia e filosofia, só que a maioria dos professores ainda não consegue associar/relacionar estas duas disciplinas com a Educação Física, (Surdi & Kunz, 2010).

Surdi, Camilo Cunha & Kunz (s/d), acreditam que a tomada de consciência do mundo largo do que é o homem e o seu movimento, possa emprestar uma maior solidez na formação de professores e uma maior e melhor intervenção ao nível da práxis formativas e educativas. A escola é um “Locus” de legitimação da ciência e da razão. As questões relativas, ao afeto, ao lúdico, ao prazer, ao corpo que sente, vive e se manifesta não se verificam, e se se verificar são muito reduzidas. A criança vive assim entre uma interioridade e uma exterioridade.

3.3. Problema e Objetivos

Problema:

Perante os dois grandes paradigmas (concepções) que podem caraterizar a Educação Física - de um lado o paradigma positivista que vai suportar a perspetiva do desporto e da condição física (mundo pensado - muito presente no currículo); e do outro lado um paradigma (concepção) mais interpretativo, hermenêutico, dialético que vai suportar o mundo vivido onde o brincar e o jogar se manifestam (o sentido da individuação) - apresentamos então o nosso problema de investigação:

Quais são as representações dos professores de Educação Física do género Feminino sobre as duas (ou outras) concepções de Educação Física – Educação Física pensada (do currículo) ou vivida (do indivíduo)?

Objetivos:

Geral:

O presente estudo tem por objetivo conhecer as representações dos professores de Educação Física do sexo Feminino no que concerne à importância da Educação Física na escola entre o movimento pensado (o movimento estruturado no Currículo) e vivido aquele que é informal, não formal, de intencionalidade fenomenológica.

Específico:

- Verificar se o Discurso do professor no que respeita aos fundamentos da Educação Física se enquadra numa ótica do movimento do currículo, do rendimento ou do movimento natural;
- Compreender se os professores de Educação física do sexo feminino pensam nas suas aulas sob um ponto de vista qualitativo ou quantitativo;
- Verificar o tipo de ações (Didático/pedagógica) formativas que os professores de Educação Física realizam.

3.4. Metodologia

O grupo de estudo foi constituído por 4 professores do sexo feminino do 2º e 3º ciclos de ensino, pertencentes a uma escola do Concelho da Póvoa de Lanhoso.

O instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada e foram cumpridos todos os procedimentos de estrutura, dinâmica e ética. Esta foi realizada de forma anónima, podendo desta forma, a recolha de dados ser mais útil, permitindo aos entrevistados exprimirem-se de forma mais “aberta” além disso poderá desta forma fornecer informações e elementos de reflexão muito mais ricos e interessantes para este estudo.

O guião da entrevista foi construído tomando como referência os dizeres da literatura, bem como as nossas representações (investigadores e orientador). É um estudo qualitativo/exploratório que visa conhecer as representações iniciais sobre determinado fenómeno.

O tratamento de dados foi feito através da análise e interpretação dos dados recolhidos tomando como referência a análise de conteúdo.

Sobre a análise de conteúdo a literatura refere que existem vários caminhos na sua concretização. Por exemplo Bardin(1991) sugere que depois de ler os protocolos se estabeleçam categorias e subcategorias de análise, onde se estabelecem as frequências de resposta, podendo estas vir a ser objeto de análise quantitativa. Por seu lado Praia (1995), refere que a análise de conteúdo pode ser organizada segundo vários caminhos/métodos: o método das redes estruturais, o método de análise diagráfica de textos, o método por redes baseado na linguística, e o método dos inventários conceptuais. Optamos por escolher o *método dos inventários conceptuais* - que vai beber diretamente nas questões formuladas - e que acabam por se estruturarem como categorias - uma vez que o número de entrevistas é reduzido. Este método acaba por ser

o mais indicado quando a amostra é muito pequena (ex: estudo de caso). É um método intrusivo e mais abrangente em amplitude e profundidade.

3.5. Análise e Interpretação dos Resultados

Em seguida vamos fazer apresentação e interpretação dos resultados com referência às questões apresentadas no guião da entrevista, bem como aos aspetos mais relevantes (positivos, negativos e algumas sugestões). Faremos também uma reflexão crítica a aspetos que consideramos mais importantes.

A discussão dos resultados obtidos recorre à análise das quatro entrevistas. A partir da análise efetuada será definida a estrutura de identidade dos entrevistados relativamente às duas conceções a serem analisadas.

GRUPO I

1. O que pensa da Educação Física como disciplina curricular, que tem em atenção a eficácia, o rendimento, a padronização e racionalização

Ao analisarmos esta questão constatamos que as entrevistadas situaram as suas respostas em três campos de referência: aspetos positivos, aspetos negativos e sugestões.

Aspetos Positivos:

2ºCiclo

- *“(...) visão de um aluno que poderá avançar para uma modalidade cujas qualidades são evidenciadas de forma mais concreta, e aqui estamos a chamar ao aluno o possível atleta (...)”.*
- *“Direcionar aqueles alunos que tenham mais apetências para clubes”.*
- *“Maior facilidade na avaliação e na definição de objetivos a alcançar”.*
- *“(...) executar várias atividades, dar-lhe o maior número de vivências possíveis(...)”.*
- *“(...) vivenciar situações que possivelmente não terão possibilidade de vivenciar”.*

3ºCiclo

- *“(...) que seja uma competição saudável e não aquela que procura o rendimento em si”.*
- *“(...) o desporto escolar visa também abrir oportunidades a todos os alunos de praticar várias modalidades, e não apenas para os melhores e mais capacitados (...)”.*

A Educação Física, desde a sua génese, tem-se orientado sobretudo para os saberes pedagógicos assentes na possibilidade dos alunos melhorarem o comportamento desportivo-motor, através do envolvimento efetivo na aprendizagem dos elementos

táticos e técnicos, contribuindo para a otimização da saúde e para a melhoria do rendimento. Esta visão dicotómica – desporto de recreação e desporto de competição – não é entendido da mesma forma por todos os profissionais de Educação Física e Desporto. Porque tal como é assinalado por Dubar (1997) a escolha de um tipo de formação (leia-se, orientação/relação) normalmente conduz a um processo de legitimação de uma forma identitária (ou seja, aquele professor com identificação prioritária à saúde ou à performance).

Enquanto uns professores direcionam “aqueles alunos que tenham mais apetências para clubes”, que vai de encontro à posição defendida por Hallal et al. (2006) e Ruiz et al. (2006), outros professores defendem que “(...) o que se pretende é que seja uma competição saudável e não aquela que procura o rendimento em si”, posição igualmente tomada por Ortega et al. (2008), num estudo de revisão direcionado para a aptidão física relacionada com a saúde em crianças e jovens.

O profissional de Educação Física deve ter capacidade para executar habilidades motoras e reproduzir os movimentos que são abordados na escola. A propósito do professor que exemplifica, do professor que se envolve regularmente em prática de atividade física, do professor que cultiva o corpo enquanto ferramenta de trabalho, Pellegrini (1988) afirma que *“a Educação Física como uma profissão deve apoiar-se em profissionais que não possuem apenas a habilidade de executar, mas a capacidade de passar essas habilidades a outras pessoas com o objetivo de as levar ao pleno desenvolvimento das suas capacidades motoras”*. (p.254)

O desenvolvimento físico da criança é anterior ao desenvolvimento cognitivo e social. Assim, referindo-se à multiplicidade das experiências motoras nos alunos, um dos sujeitos do nosso estudo referiu que prefere “colocá-los a executar várias atividades, dar-lhe o maior número de vivências possíveis”. Este facto é comprovado por Ghilardi (1998), para quem o profissional de Educação Física deve, por recurso à variedade de vivências motoras e corporais, contribuir para a consciência e o controlo do gesto motor, com vista a obter autonomia de movimentos na realização das tarefas do quotidiano. Na Educação Física são inúmeras as aprendizagens. Para além das experiências concretas específicas da disciplina, cujos reflexos positivos estão inscritos nas áreas das abstrações e operações cognitivas de outras áreas de ensino, pelo que tal como assinalado pela DGIDC (2010) *“a falta de atividade apropriada traduz-se em carências frequentemente irremediáveis”*(p.2). Por isso, impõe-se viver um conjunto diversificado de situações. Ao que se acrescenta o facto de muitas das experiências

vividas jamais voltarem a ser repetidas no curso da vida (e.g., visitas de estudo, participação em competições inter-turmas e inter-escolas, atividades de aventura e de exploração da natureza, desportos de combate, jogos tradicionais, atividades específicas para populações especiais, entre outros). Algo que é realizado em Educação Física e com reflexos positivos ao nível do repertório motor, da auto-estima e autoconfiança, da criação e fomento do espírito de equipa e de entreajuda/solidariedade, no combate à exclusão e na eliminação de medos/receios. Aqui regista-se o enunciado por um sujeito da amostra “vivenciar situações que possivelmente não terão possibilidade de vivenciar”. Em Portugal, todas as escolas têm a mesma possibilidade de aderir ao desporto escolar, e com isso proporcionar uma prática desportiva extra aos alunos, independentemente do nível de capacidades. Acerca da importância do desporto escolar importa reter a parte do discurso da Ministra da Educação na Gala do Desporto Escolar, em 12 de Outubro de 2007 (Ministério da Educação – In Portal da Educação, acessado em 13-04-2013) “a importância do desporto escolar na vida escolar das nossas crianças e jovens deve ser valorizada” e que “o Desporto Escolar deve ser visto menos como uma alternativa à aprendizagem nas disciplinas nucleares, e mais como uma plataforma a partir da qual deve ser trabalhada a transversalidade dos hábitos que fazem o bom desempenho desportivo”. Esta preocupação hierarquicamente superior é acompanhada pelas pessoas do terreno que apontam como aspeto positivo “o desporto escolar visa também abrir oportunidades a todos os alunos de praticar várias modalidades, e não apenas para os melhores e mais capacitados”.

Alguns autores (Veigas et al., 2009; Varelas, 2010), defendem a participação no desporto escolar como medida de combate ao insucesso, ou se preferível, como medida de sucesso. Por último, importa referir as conclusões do trabalho de Byrd (2007), onde se constatou que os estudantes fisicamente mais ativos foram os que obtiveram maior sucesso educativo, comparativamente aos estudantes menos ativos.

De facto, independentemente da maior proximidade com a saúde ou com a performance, o desporto continua a ser a prática suprema nas aulas de Educação Física. Aqui o aluno é muitas vezes confundido com o atleta. Todavia, apenas algumas modalidades são privilegiadas pelos docentes: futsal, voleibol, basquetebol (Betti, 1999). Ora aqui, há semelhança do que foi indicado por uma das entrevistadas está-se a dar a possibilidade do “aluno avançar para uma modalidade cujas qualidades são evidenciadas de forma mais concreta, e aqui estamos a chamar ao aluno o possível atleta”. Do mesmo modo, alguns autores (Fonseca & Maia, 2001) investigaram os

motivos que levam crianças e adolescentes a decidirem-se pela prática desportiva. Em termos globais, verifica-se a influência da Educação Física na decisão de praticarem alguma modalidade desportiva de competição. Como principais razões, estes autores apontam a necessidade que manifestam em querer melhorar e demonstrar proficiência para a prática dessa modalidade (quase sempre, coletiva), bem como a aquisição de elevados níveis de competência físico-motora.

Aspetos Negativos

2ºCiclo

- *“Definir metas menos ambiciosas para os alunos que na avaliação diagnóstica demonstrassem desde logo inaptidão a alguma modalidade.”*
- *“Exclusão”*
- *“Baixa autoestima”*
- *“(…) alunos cuja composição física, não é de todo o ideal(…)”*
- *“Especialização Precoce”*
- *“Medo de errar”*
- *“Alunos com mais dificuldade não fazem a aula prática”*
- *“Falta de respeito pelos alunos que não são tão bons (…)”*
- *“Menos espaço para a expressão”*
- *“Impossibilidade de possibilitar sucesso a todos os alunos, de acordo com as suas potencialidades. “*
- *“Maior dependência das instalações específicas”.*

3ºCiclo

- *“(…) visão da Educação Física não contribui para a verdadeira educação do aluno(…)”*
- *“Trabalha-se muito para o resultado excluindo os alunos menos aptos para a prática da Educação Física.”*
- *“(…) contribui muitas vezes para a criação de traumas e complexos.”*
- *“Diminuição da autoestima do aluno;*
- *“(…) recusa de fazer este ou aquele exercício”.*

Um dos aspetos centrais, mas que não deixa de ser problemático, da EF escolar é a avaliação. Isto é, a atribuição de uma classificação a cada estudante em função da resposta motora a um determinado exercício ou conjunto de exercícios. Alguns professores optam por uma via mais tradicional, normativa, ao passo que outros, ainda que não descurem completamente a avaliação normativa, situam-se mais numa vertente criterial. Holly & Walley (1989) referem que o conhecimento do professor não está declarado mas que se subentende, i.e., está implícito, pelo que os professores são

guiados pelas suas próprias ideias, regras e responsabilidades. A este propósito não deixa de ser alheia a “definição de metas menos ambiciosas para os alunos que na avaliação diagnóstica demonstrassem desde logo inaptidão a alguma modalidade.” A “baixa auto-estima” ou o “medo de errar” também são eles apontados por um dos sujeitos da amostra.

Na EF escolar cabem todos os alunos, pelo que não cremos que, conforme referido por uma das entrevistadas, haja “impossibilidade de possibilitar sucesso a todos os alunos, de acordo com as suas potencialidades”. No entanto, alguns alunos, pela sua morfologia corporal mais do tipo endomorfa tendem a auto-marginalizar-se, que conforme foi afirmado por uma das entrevistadas “recusam fazer este ou aquele exercício”. Hoje, sabe-se do importante papel da atividade física no quadro da saúde e na aquisição de um morfotipo mais consentâneo com a qualidade de vida e bem-estar. Por esta razão, tal como foi avançado por Boscatto et al. (2011), depois de um tratamento cirúrgico para redução da obesidade, impõe-se o auxílio de um profissional de EF na orientação e no incentivo à prática de atividades físicas. Com este género de medida, prescrição, orientação e sistematicidade da prática de atividade física, julgamos ser a atitude conveniente para combater “traumas e complexos”, conforme foi avançado por uma das entrevistadas.

Normalmente, são os alunos com IMC acima da normoponderalidade que, por terem mais dificuldade, não realizam aulas práticas, não só pela exposição do corpo, mas também “pelo medo de errar”. Mas são exatamente estes alunos os que mais necessitam de apoio e estímulo para o envolvimento em programas de atividade física, que muitas vezes terão que ir além das aulas de EF. Esta questão, abordada no estudo de Darido et al. (1999), foi referida por uma das entrevistadas “alunos com mais dificuldade não fazem a aula prática”. Num trabalho realizado por Souza Júnior & Darido (2009), são apontadas algumas alternativas para lidar com os alunos que solicitam dispensa das aulas de EF. Os resultados deste estudo evidenciam como a adoção de um programa de avaliação destes alunos, complementado com outras medidas, é favorecedor da redução da recusa da prática, cujos valores reduziram de 48,8% para 2,7%.

Guimarães (2009), na sua dissertação de mestrado, mostra que depois de um período de formação, foram observadas importantes modificações nas atitudes dos professores de EF face às questões relacionadas com a obesidade (infantil), i.e., os docentes mostraram-se mais interessados em discutir coletivamente o tema e propor

uma metodologia orientada para o combate à obesidade na comunidade escolar. Ora esta questão parece ir de encontro àquilo que foi afirmado por uma das entrevistadas “trabalha-se muito para o resultado excluindo os alunos menos aptos para a prática da Educação Física”. Provavelmente, também aqui urge uma formação das atitudes dos profissionais de EF, que contemple modificações necessárias para uma escola promotora de saúde de todos e para todos, através da cultura corporal do movimento. Pois ao invés da “visão da Educação Física que não contribui para a verdadeira educação do aluno”, defendemos que a EF enquanto área de conhecimento da saúde deve ser entendida como uma disciplina promotora de saúde física, biológica e social, onde pela sua multidimensionalidade contribui eficazmente para a educação integral do aluno.

Para além dos mais “gordinhos” também existem os mais “desajeitados” que muitas vezes são discriminados e excluídos pelos colegas de turma no momento de definir equipas ou grupos de trabalho. Uma das entrevistadas referiu-se a esta temática da seguinte forma “falta de respeito pelos alunos que não são tão bons”. A “especialização precoce” apontada como um aspecto negativo por uma das entrevistadas, é também vista por Neuenfeldt et al. (sd) como motivo de preocupação, pelo que consideram ser fundamental a existência de profissionais de Educação Física e desporto competentes para que as crianças sejam tratadas como seres completos: psicológicos, sociais, cognitivos. Depois de numa primeira fase os estabelecimentos escolares terem sido construídos sem qualquer preocupação com os espaços desportivos, hoje a maior parte das escolas em Portugal possui um pavilhão gimnodesportivo, onde todas as modalidades são praticadas. Normalmente, estão em aula três ou mais professores, com matérias diversificadas. Porém, algumas matérias, pela expressividade própria, pela necessidade de recorrer a música, pelo forte apelo à concentração e segurança, não deveriam estar a ser abordadas em simultâneo, por exemplo, com o basquetebol ou o futsal, onde as bolas sistematicamente a bater e o normal ruído verbal dos alunos enquanto jogam, bem como as bolas que saltam para o espaço vizinho, condicionam a prática de outros alunos. A isto acresce o facto de em situações climatéricas adversas o espaço desportivo interior ficar ainda mais povoado. Há, como afirma uma das entrevistadas “menos espaço para a expressão”, mas simultaneamente “uma maior dependência das instalações desportivas”. Inegavelmente, que o bom desenvolvimento da disciplina de EF depende, em grande medida, da

existência de diversidade de instalações, de uma reformulação dos horários e de um rigoroso planeamento do *roulement*.

Sugestões:

2ºCiclo

-“Metas mais fáceis de alcançar, para permitir a alunos cuja estrutura corporal não lhes permita atingir com tanta performance essas metas” .

-“Possibilidade de os alunos, na avaliação final, poderem, por exemplo, eliminar uma das unidades didáticas, aquela obviamente em que sentiram mais dificuldades (...)”.

- (...) não deve ter em atenção apenas os aspetos de eficácia de rendimento do aluno.”

-“(...) deve-se ter em conta cada vivência que o aluno tem na Educação Física”.

3ºCiclo

-“(...) trazer cada vez mais atividades”.

-“Promover maior contato/interação entre os clubes locais e as atividades escolares”.

Sendo notória a existência de aspetos negativos, impõe-se a eliminação ou a diminuição da sua magnitude. Para tal, as professoras entrevistadas ofereceram um conjunto de propostas de forma a reduzir o impacto negativo no processo de ensino-aprendizagem, procurando atingir áreas como o rendimento, a eficácia, a padronização e a racionalização. Sendo certo que na escola os alunos apresentam diferentes morfotipos, tornando-os mais ou menos capazes para o envolvimento em certas atividades desportivo-motoras, mas qualquer que seja a atividade está sempre presente a ideia de vitória vs derrota (Sampaio, 2000). Por esta razão, alguns dos sujeitos da nossa amostra apontam “metas mais fáceis de alcançar, para permitir a alunos cuja estrutura corporal não lhes permita atingir com tanta performance essas metas”. Na sequência desta afirmação surge, na nossa perspetiva, uma medida inovadora, proposta por uma das entrevistadas, ou seja, a “possibilidade de os alunos, na avaliação final, poderem, por exemplo, eliminar uma das unidades didáticas, aquela obviamente em que sentiram mais dificuldades”. Esta medida não apenas originaria um incremento do sucesso, tão divulgado por Byrd (2007), ou então de combate ao insucesso conforme defendido por Varelas (2010).

Durante muito tempo, a Educação Física foi avaliada unicamente com base nas capacidades físicas dos alunos, classificando normativamente os alunos à luz de uma escala de rankerização ou de performance. Para tal, os professores usavam os testes de aptidão física com objetivos pouco educacionais, vinculados predominantemente à seleção dos alunos mais habilidosos. Atualmente, para além do valor normativo, existe

também um peso criterial que transporta o valor normativo para uma classificação de estado de saúde (saudável/não saudável), procurando avaliar cada aluno comparando o seu próprio desempenho com outros desempenhos anteriores. Talvez por esta razão uma das entrevistadas tenha sugerido que não se deve atender “apenas aos aspetos da eficácia de rendimento”, mas também considerar “cada vivência que o aluno tem na EF”. É nesta polivalência que “traz mais atividades”, que deve imperar a abordagem em EF escolar.

2. O que pensa sobre a Educação Física como disciplina curricular, que tem em atenção o movimento dos alunos, a sua interpretação, a sua cultura de movimento:

Tal como a questão anterior os professores entrevistados situaram as suas respostas em três campos de referência: aspetos positivos, aspetos negativos e sugestões.

Aspetos positivos:

2ºCiclo

- *“A educação Física tem como intenção desenvolver as potencialidades e as competências para a formação de sujeitos livres (...)”.*
- *“A tarefa da Educação Física é tornar o atleta praticante, lúdico e ativo (...)”.*
- *“(...) serve para proporcionar e criar oportunidades de aprender, conhecer e perceber de forma permanente e contínua o seu corpo, as suas limitações na expectativa sempre de as superar e se tiver potencialidades no sentido de as desenvolver”.*
- *“(...) é uma atividade, um concretizar muito mais rico (...)”.*
- *“(...) dá mais liberdade ao aluno para se poder expressar de forma mais desinibida, porque não tem um movimento controlado, não tem obviamente um padrão definido (...)”.*
- *“Gosto pela prática desportiva sendo bom ou menos bom aluno”.*
- *“Saber lidar com as suas virtudes e dificuldades”.*
- *“Interesse em saber mais, como se faz, mesmo não sabendo ou executando com dificuldades”.*
- *“Possibilita movimento, expressão de sentimentos/emoções”.*
- *“Interação com colegas”.*
- *“Procura promover hábitos saudáveis”.*
- *“Possibilita contato com diferentes tipos de atividade”.*

3ºCiclo

- *“É uma disciplina que se vira para a cultura do movimento procurando proporcionar (...) uma série de experiências novas”.*

- *“Não se trabalha para o sucesso propriamente dito, mas para o alargamento de experiências desportivas”.*
- *“Penso que esta vertente é sem dúvida a mais correta forma de abordar a Educação Física, uma vez que acaba por manter motivadas a maioria dos alunos, repercutindo-se isso no melhoramento da sua saúde e da sua aptidão física”.*
- *“(…) abordagem mais multilateral do aluno (…) acabando por desenvolver mais capacidades e skills motores (…)”.*

Não obstante a atividade física comportar um conjunto multivariado de benefícios (sobretudo, físicos/fisiológicos, mentais/psicológicos e sociais), também transporta consigo alguns riscos, sobretudo de natureza músculo-esquelética. Neste âmbito, diversas afirmações das entrevistadas enquadram nas posições defendidas por este autor, designadamente, “saber lidar com as suas virtudes e dificuldades”, “interesse em saber mais, como se faz, mesmo não sabendo ou executando com dificuldades”, “possibilita movimento, expressão de sentimentos/emoções”, “interação com colegas”, “procura promover hábitos saudáveis” e “possibilita contato com diferentes tipos de atividade”.

Quando os alunos brincam aprendem a mover-se entre a liberdade e os limites, sejam os próprios ou os estabelecidos pelo grupo onde estão inseridos. É exatamente esta liberdade de movimento e de ação que foi expressa por uma das entrevistadas, afirmando que a Educação Física “tem como intenção desenvolver as potencialidades e as competências para a formação de sujeitos livres”, e tão bem desenvolvido no trabalho de Altmann et al. (2012) acerca do corpo e movimento, onde se constatou que diferentes formas de intervenção podem estimular ou não a segregação de rapazes e raparigas. O corpo que brinca e aprende, o corpo que exerce todo o seu potencial, o corpo e a saúde são preocupações de uma das entrevistadas “serve para proporcionar e criar oportunidades de aprender, conhecer e perceber de forma permanente e contínua o seu corpo, as suas limitações na expectativa sempre de as superar e se tiver potencialidades no sentido de as desenvolver”, bem vincadas no estudo de revisão realizado por Oliveira et al. (2008) sobre corporal e escolarização, ou no estudo filosófico de Bracht (1999) acerca da constituição das teorias pedagógicas na EF abordando a temática do interesse pela educação corporal. Neste modelo de liberdade de expressão cabe igualmente o contributo de uma das entrevistadas “dá mais liberdade ao aluno para se poder expressar de forma mais desinibida, porque não tem um movimento controlado, não tem obviamente um padrão definido”.

A Educação Física é na maior parte das escolas públicas e privadas, a disciplina com a classificação média mais elevada (Saraiva & Rodrigues, 2011). É a mais diferente de todas as disciplinas. Nenhuma outra “possibilita movimento, expressão de sentimentos/emoções”, porque “possibilita contato com diferentes tipos de atividade”. Na lógica da cultura do movimento e da expressão da corporalidade, a Educação Física escolar proporciona “uma série de experiências novas”. A este facto, não obstante um conjunto diversificado de limitações motoras evidenciado por um considerável número de alunos, a Educação Física não deixa de ser uma das preferidas (senão mesmo, a mais preferida) dos alunos, independentemente daquilo que foi observado por uma das entrevistadas “gosto pela prática desportiva sendo bom ou menos bom aluno”, ou o “interesse em saber mais, como se faz, mesmo não sabendo ou executando com dificuldades”, porque na Educação Física, mais do que noutras áreas do conhecimento os alunos são estimulados a aprender a “lidar com as suas virtudes e dificuldades”. Como foi assinalado por uma das entrevistadas “mesmo não sabendo ou executando com dificuldades”. Porque no fundo, e hoje mais do que outrora, um dos sujeitos da nossa amostra apresentou de modo categórico a realidade da Educação Física escolar “não se trabalha para o sucesso propriamente dito, mas para o alargamento de experiências desportivas”.

Já vimos que a Educação Física tem a propriedade de contribuir para multidimensionalidade educativa do gesto, revelado com maior ou menor expressividade, sendo indubitavelmente uma das áreas prioritárias no patrocínio da educação integral do aluno. A Educação Física é como afirma uma das entrevistadas “uma abordagem mais multilateral do aluno (...) acabando por desenvolver mais capacidades e *skills* motores”.

Por último, não podíamos deixar de citar a expressão do poeta Juvenal “mente sã em corpo são”, que pelo marco histórico tem sido utilizada como forma de aviso sério para os perigos na saúde advindos de um estilo de vida sedentário, bem como os imensos benefícios da exposição regular à atividade e ao exercício físico.

Aspetos Negativos:

2ºCiclo

- “(...) não considero que haja aspetos negativos (...)”.
- “(...) não consigo encontrar aqui nada de negativo em relação a esta questão(...)”.
- “Os bons executantes desmotivam mais facilmente”.

- “Desvalorização da disciplina, por vezes não permite que todos os alunos trabalhem de acordo com as suas potencialidades”.
- “Espaços disponíveis para a disciplina”.
- “Maior dificuldade na avaliação”.

3ºCiclo

- “(...) número de horas destinadas à Educação Física ser escassa (...)”.
- “(...) não se obterem resultados tão brilhantes na prática disciplinar, uma vez que não se aborda com tanta profundidade e rigor as matérias abordadas”.

Na nossa “praça futebolística” há uma expressão que diz “cada equipa joga aquilo que a outra deixa jogar”. Parafraseando esta expressão, diríamos que um bom executante só se sente realmente motivado se estiver rodeado de outros bons executantes. Ora, como na escola a maior parte dos alunos para além de serem não-desportistas, logo não especialistas, também revelam níveis relativamente baixos-médios de proficiência tática-técnica na maior parte das matérias, é natural que numa turma que pratica por exemplo voleibol, onde a avaliação diagnóstica mostrou que globalmente se situa no nível introdutório, a existência de um bom praticante vai, com certeza, deixá-lo desmotivado para as aulas de voleibol. E este sintoma foi avançado por uma das entrevistadas “os bons executantes desmotivam mais facilmente”. Não é função da escola preparar alunos para os quadros competitivos dos clubes; mas já poderá ser função da escola detetar alunos com elevado potencial desportivo-motor e que poderão ser uma mais-valia para os clubes. No clube a prática é específica, na escola é generalista. No clube despendem-se milhares de horas/ano na mesma prática, na escola são pouco mais de cem horas/ano em práticas diversificadas; no clube o rigor com a qualidade do gesto ou com as questões tático-técnicas é de primordial importância, na escola são tratadas superficialmente. Também concordamos com uma das entrevistadas quando se referiu à escassez do “número de horas destinadas à Educação Física”.

Porém, mais do que escasso importa que seja realmente praticada, e em todos os momentos com elevada densidade motora. O Colégio Americano de Medicina Desportiva (ACSM, 1998) recomenda que a prática seja do tipo aeróbia, seja realizada 3 a 5 vezes por semana, 20 a 60 minutos por sessão e de intensidade predominantemente moderada.

Com a passagem do *peso* normativo para o criterial, apesar dos avanços, passou a ter-se mais dificuldade na avaliação dos alunos, tal como foi referido por uma das entrevistadas “maior dificuldade na avaliação”. Se já existia um forte pendor subjetivo,

por exemplo, na avaliação da técnica do lançamento na passada no basquetebol, que para um professor mais familiarizado com a modalidade era visto com um certo grau de exigência, agora com a maior necessidade de qualificar a prática (e não tanto de a quantificar) em termos de saudável/não saudável, trouxe um problema acrescido ao professor. Genericamente, os alunos beneficiam, sobretudo com classificações mais elevadas, mas parecem ficar prejudicados ao nível da aptidão física.

Ao contrário de antigamente, hoje todas as escolas portuguesas (2º/3º ciclo e ensino secundário) têm espaços próprios para a Educação Física. O problema coloca-se se esses espaços têm qualidade e capacidade suficiente. A este propósito retemos que um dos aspetos negativos avançado por uma das entrevistadas situa-se exatamente nos “espaços disponíveis para a disciplina”.

A escola pública portuguesa demorou a integrar a Educação Física no seu currículo. Durante muitos anos, quer a disciplina quer os seus docentes foram alvo de menor consideração comparativamente a outras disciplinas e outros professores. Hoje, sabe-se que no conjunto das disciplinas escolares, o Português e a Matemática são consideradas nucleares. A Educação Física, não é! Mas somos de opinião convicta que deveria ser! Por esta razão talvez se compreenda a “desvalorização da disciplina” indicada por uma das entrevistadas. Todavia, ao contrário desta mesma entrevistada, não cremos que seja impeditivo de todos “os alunos trabalharem de acordo com as suas potencialidades”. As oportunidades são oferecidas a todos de modo igual. Portanto, cabe ao professor ter criatividade para operacionalizar as matérias de modo que os alunos consigam, dentro das limitações de horário impostas à disciplina, explanar toda a sua “corpulência”. Conforme é descrito no estudo de Ferreira et al. (2011), afinal a maior parte dos professores de Educação Física considera que os alunos reconhecem o seu valor enquanto professor da disciplina. Porém, conforme adianta Martins (2010b) e Cortesão (2010) já não existe tanto consenso quanto á importância que professores de outras disciplinas atribuem à disciplina de Educação Física. Todavia, as mudanças, ainda que lentas, têm vindo a produzir-se. Hoje, o professor de Educação Física tem as mesmas responsabilidades legais, obrigações escolares e atribuição de cargos de um outro qualquer professor. Inclusivamente, muitos professores de Educação Física ocupam cargos de elevada responsabilidade na organização escolar, pelo que o papel discricionário imposta à disciplina não tem cabimento na atualidade.

Sugestões:

2ºCiclo

- “(...) não consigo encontrar nenhuma sugestão porque nós fazemos de tudo, ou mais que tudo para lhes proporcionar estes momentos lúdicos, momentos de prazer (...)”.
- “(...) a sugestão é complicada, porque no fundo nós estamos um bocado manietados, e portanto a postura do próprio professor na própria aula, é que pode modificar de certa forma ou aligeirar um bocadinho esta questão da imposição de um programa (...)”.
- “(...) só através da sua cultura, do seu pensamento, é que eventualmente a alteração dessa aula pode dar-se nesse sentido, e privilegiando essa questão da eliminação, questão científica do movimento de acordo com tudo aquilo que são as suas vivências e não de forma controlada/padronizada”.

3ºCiclo

- “(...) aumentar o número de horas da educação física ou mesmo em termos de desporto escolar”.
- “(...) eu penso que será muito difícil que nós consigamos alguma coisa positiva com as crianças e jovens neste momento (...)”.
- “Contrariar a desvalorização da disciplina e das suas potencialidades”.

A atividade física é um dos mais importantes comportamentos de saúde. Não basta dizer que se tem saúde, é necessário “vestir o fato de treino” e colocar em prática esse reconhecimento. Para a maior parte das crianças e jovens, a Educação Física escolar é a única forma organizada de treino que dispõem, prevista no horário semanal, orientada e avaliada periodicamente. Num estudo realizado por Silva et al. (2008), envolvendo uma amostra de 373 rapazes e 479 raparigas, dos 12 aos 18 anos, mostrou que a prevalência de excesso de peso é de 12,9% nos rapazes e 10,6% nas raparigas, ao passo que a obesidade é de 4,3% nos rapazes e 4,0% nas raparigas. Num outro estudo realizado por Silva et al. (2010), envolvendo uma amostra de crianças dos 6 aos 10 anos de idade ($n=439$, dos quais $n=234$ são rapazes e $n=205$ são raparigas), do concelho de Fafe, mostrou com preocupação, nos dois géneros, a elevada prevalência do excesso de peso e da obesidade, cujo somatório ultrapassa os 40%! Não obstante uma certa desilusão, evidenciada por uma das entrevistadas “eu penso que será muito difícil que nós consigamos alguma coisa positiva com as crianças e jovens neste momento”, uma das soluções para combate a este flagelo seria, como refere uma das entrevistadas “aumentar o número de horas da Educação Física ou mesmo em termos de desporto escolar”.

Não podemos, contudo, deixar de registrar a incapacidade evidenciada por uma entrevistada quando, referindo-se às sugestões que incentivem para a prática de atividade física via Educação Física escolar, referiu que “não consigo encontrar nenhuma sugestão porque nós fazemos de tudo, ou mais que tudo para lhes proporcionar estes momentos lúdicos, momentos de prazer”. Uma outra entrevistada referiu-se à “imposição do programa de Educação Física” enquanto obstáculo à diversidade e criatividade, chegando inclusive a sugerir que talvez se deva “contrariar a desvalorização da disciplina e as suas potencialidades” e que falta uma “cultura do pensamento”. De facto, no nosso entender, esta entrevistada tem uma parte considerável de razão, pois se a prática de atividade física é um importante veículo de promoção da saúde, se a Educação Física escolar é a principal, senão mesmo única, forma de expressão desportivo-motora da maior parte dos alunos, se a atividade física é o principal meio de combate ao excesso de peso/obesidade, então por que razão as altas instâncias hierárquicas tendem, de cada vez que reformulam a estrutura curricular das escolas, a reduzir o número de tempos letivos destinados semanalmente à disciplina de Educação Física e ao desporto escolar? Esta questão transporta-nos para uma outra: como estará a saúde das crianças e jovens de agora, quando adultos daqui a uns anos?

3. Qual o paradigma dominante da Educação Física na sua escola? Concorda com essa situação? Se sim, o que sugere para reforçar essa questão? Se não, o que deveria mudar na sua opinião?

2ºCiclo

“(…)sem dúvida a primeira questão, que se prende com aquilo que nos é imanado do exterior, o movimento estimulado a partir do exterior, o aluno objeto, a questão da eficácia do rendimento,(…)”

“(…)nem concordo nem discordo, é um principio(…)”

“(…)o professor através da sua atuação pode amenizar determinadas questões, porque se levar em rigor só os parâmetros exigidos nesse processo de avaliação vai obviamente inibir muito os alunos de poderem sentir-se felizes nas aulas de educação física,(…)”

“(…)ao nível da mudança das estruturas superiores será sempre uma coisa complicada, porque praticamente não está inacessível”.

“(…)ao nível da prática na escola e na sua própria aula, o professor pode complementar as suas aulas com esta parte mais lúdica da realização pessoal, do prazer, porque perante todo o processo de avaliação que nos é imposto com avaliações diagnósticas, avaliações sumativas, não podemos efetivamente fugir muito aquilo que são as regras impostas.

2ºCiclo

“(…), é sem dúvida o da educação física que privilegia o movimento dos alunos, a sua interpretação e sua cultura de movimento.”

“(…)Concordo com esta situação e sugiro para reforçar esta questão que todas as escolas, autarquias, arranjem meios de cada vez mais proporcionar aos jovens adolescentes locais onde eles possam trabalhar esta parte da atividade física,(…)”

2ºCiclo

“a questão da eficácia e do rendimento, ou seja, aquilo que é estimulado a partir do exterior, embora que eu não concorde muito com isso,(…)”

“(…)devíamos dar mais importância ao que o aluno é capaz de dar, privilegiando o seu movimento e não o rendimento e eficácia, tomando em atenção os aspetos mais qualitativos e não quantitativos,(…)”

“(…)dar a oportunidade ao aluno de se exprimir, de ser livre(…)”

“(…)como temos de seguir um programa que tem parâmetros já pré-estabelecidos com avaliações que devem ser seguidas não podemos fugir ao que está imposto por lei”.

“(…)motivar os alunos para a prática da educação física, proporcionar-lhes inúmeras atividades, reforçar os feedbacks não só para aqueles que são bons mas para aqueles que têm menos capacidades para determinada atividade(…)”

“A educação Física é para todos, não só para aqueles que são bons(…)”

3ºCiclo

(…) movimento dos alunos a cultura do movimento a sua interpretação.”

“Concordo com esta situação e penso que se deve, dentro dos possíveis, alargar o leque de atividades abordadas, permitindo sempre experiências novas e desenvolver nos alunos o maior número de capacidades e de skills motores,

(…),a um desenvolvimento mais completo e harmonioso do aluno, contribuindo para um alargamento das práticas desportivas evidenciadas.”

“(…)motivar os alunos para a prática da educação Física dar-lhe atividades mais atrativas,(…)”

“(…)fazer com que eles sintam que a educação física é realmente necessária e indispensável(…)”

“(…)mostra-lhe que a educação Física não é só a procura do rendimento, mas que é acima de tudo uma diversão, uma forma de estar bem na vida, uma forma de eles se sentirem bem com eles mesmo e acima de tudo que estão a contribuir para uma melhoria da sua saúde que é o essencial.”

Relativamente a esta questão e tomando como referência as entrevistas (paradigmas diferentes de respostas) constatamos que:

Para duas entrevistadas o paradigma dominante da sua escola é o de uma Educação Física que privilegia o movimento estimulado a partir do exterior. É de salientar, que aqueles que trabalham com este tipo de paradigma não concordam com ele, embora uma das entrevistadas tenha referido que “nem concorda nem discorda”, considerando-o como “um princípio” e que o professor através da sua atuação pode “amenizar determinadas questões”. No entanto, acaba por referir que se forem levados ao rigor os parâmetros exigidos no processo de avaliação, “vão inibir muito os alunos de poderem sentir-se felizes nas aulas de Educação Física”, indo portanto de encontro ao que Surdi & Kunz (2010) afirmam “as crianças/alunos têm que se adaptar àquilo que é exigido pelo professor, bem como às normas e regras estabelecidas pela própria escola”. Uma das professoras mencionou também que não é fácil trabalhar este aspeto da eficácia e do rendimento devido aos problemas/constrangimentos que existem, como por exemplo, falta de tempo, falta de material, espaços inadequados e turmas demasiado grandes.

Para estas entrevistadas, “o professor pode complementar as suas aulas com a parte mais lúdica da realização pessoal, do prazer”, porém “todo o processo de avaliação que é imposto com avaliações diagnósticas, avaliações sumativas”, condiciona bastante a prática da Educação Física de acordo com o paradigma que privilegia o movimento como fenómeno a partir de dentro. Tal como refere Libâneo (2001) a função do educador é fornecer meios para que o aluno possa desenvolver o seu próprio instrumento de trabalho, detetando o saber popular de cada um, adquirindo assim grandes conhecimentos e formando novos conceitos. Para reforçar esta questão, estas duas entrevistadas sugerem que se deve motivar os alunos para a prática da Educação Física, proporcionar-lhes inúmeras actividades, reforçar os *feedbacks* não só para aqueles que são bons executantes, mas sobretudo para aqueles que têm menos capacidades para a realização de determinadas actividades. Porque afinal, conforme foi assinalado por uma das entrevistadas “a EF é para todos, não só para aqueles que são bons”.

Para as outras duas professoras o paradigma dominante da sua escola é o da Educação Física que privilegia o movimento dos alunos, a sua interpretação e sua cultura de movimento. Concordando com esta forma de atuação, não podemos deixar de reforçar esta questão referindo que é indispensável que todas as escolas, autarquias, arranjam meios para cada vez mais proporcionar às crianças e jovens locais adequados para o envolvimento em atividade física, motivar os alunos para a prática da Educação

Física, dar-lhe atividades mais atrativas, mostrar-lhes que a Educação Física não é apenas a procura do rendimento, mas que é acima de tudo uma diversão, uma forma de estar bem na vida, e acima de tudo saber que se está a contribuir para a melhoria da saúde, qualidade de vida e bem-estar individual. Estes aspetos foram reforçados por uma das entrevistadas através da seguinte afirmação “a Educação Física não é só procura de rendimento, ... é diversão, ... é movimento, ... é saúde”, tendo outra entrevistada referido o importante papel da “autarquia ... em proporcionar locais para os jovens trabalharem a parte da atividade física”. O trabalho de Singh et al. (2012) é claro na evidência da atividade física no desenvolvimento de competências sociais, na prevenção e redução de comportamentos de risco e na melhoria da saúde.

Segundo o Fórum do Desporto da Península de Setúbal (2007, p.56), “as autarquias locais constituem um dos pilares fundamentais do desenvolvimento desportivo nacional e regional”.

Estamos perfeitamente conscientes de que o modelo social de referência vem da prática desportiva de alto rendimento, do desportista alto, esbelto, com um penteado “esquisito”, musculado, rápido, tecnicista, hábil nas entrevistas, ... Fonseca & Maia (2001) apresentam uma lista de motivos que conduzem as crianças e jovens a aderirem á prática desportiva competitiva. Uma das entrevistadas, ainda que não atribua significado importante, salientou a “eficácia e o rendimento” enquanto paradigma da Educação Física na sua escola, muito fruto da influência do “exterior”, ou como refere uma outra entrevistada “o aluno objeto” enquanto produto da “eficácia do rendimento”. Mas em Educação Física privilegia-se a multilateralidade, onde não cabe a prática especializada monopolista mas a prática generalizada a todo o amplo saber e à polivalência de “*skills* motores”, ao “privilégio do movimento”, à “cultura do movimento e sua interpretação” conforme foi referido por algumas das entrevistadas. Afirmou uma das entrevistadas que a “Educação Física é realmente necessária e indispensável”, sobretudo enquanto veículo de transporte de saúde física, mental e social, independentemente do tipo de prática (ainda que algumas práticas necessitem de um grau mínimo de proficiência para serem realmente eficazes, (natação, ciclismo, ...), afirmamos nós. Todavia, nem sempre é fácil operacionalizar os conteúdos programáticos da disciplina de Educação Física, conforme disse uma das entrevistadas, devido sobretudo ao “programa que tem parâmetros pré-estabelecidos” que têm de ser cumpridos. Já vimos que a “imposição do programa de Educação Física” nem sempre é colaborante com a desejável diversidade e criatividade. Por esta razão, uma das entrevistadas entende que é imprescindível

trabalhar mais na “motivação dos alunos, ... proporcionando-lhes atividades mais atrativas”.

GRUPO II

- 1. A educação Física deve ter: a) a ideia de futuro ligada ao desporto e à competição e/ou b) a ideia de futuro virada para um estilo de vida saudável, para a socialização, para a qualidade de vida. Qual destas variáveis é cumprida na sua escola? O que sugere?**

2ºCiclo

“(...)a ideia de um futuro virada para um estilo de vida saudável para a socialização, para a qualidade de vida, deveria ser o princípio sempre emergente da questão da educação física(...)”

“(...)de acordo com tudo aquilo que já foi dito atrás no cumprimento destas duas variáveis, eu acho que basicamente conseguimos cumprir as duas(...)”

“(...)é evidente que um estilo de vida saudável para a socialização é muito importante e cada professor terá uma quarta parte muito importante na forma como apresenta a sua própria aula, a forma como se apresenta perante a turma, o seu grau de exigência versus flexibilidade para determinados tipos de comportamento(...)”

“(...)tudo isso vai condicionar, a postura do próprio aluno e a conceção que ele vai ter da própria educação física versus vida saudável(...)”

“(...)se a educação física não for um prazer, se vier contrariado se não tiver gosto pela pratica desportiva, não vai associar a educação a um estilo de vida saudável e vai evidentemente inibi-lo para uma prática(...)”

“(...)a sugestão é a da consciencialização(...)”

“(...)este privilegiar do esforço acho que é fundamental para o aluno que não está obviamente tão apto para atingir as metas mais complicadas e através disso ganhe gosto e capacidade para trabalhar mais e cada vez mais para poder atingi-lo uma vez que tudo estaria ao seu alcance se não tivéssemos um rigor de avaliação tão exigente.”

2ºCiclo

“A educação Física deve ter uma ideia virada para um estilo de vida saudável, para a socialização e para a qualidade de vida(...)”

“(...)o exercício físico é o principal mecanismo para melhorar a nossa saúde, a qualidade de vida, é importante para o desenvolvimento intelectual, favorece um melhor desempenho escolar e um melhor convívio social(...)”

2ºCiclo

“A variável que se tenta cumprir na minha escola é a ideia de um futuro virada para um estilo de vida saudável para a socialização, para a qualidade de vida.”

“(…)na minha opinião a variável da ideia de um futuro ligado para a competição não pode ser dissociada da outra variável mas remetida para o desporto escolar(…)”

3ºCiclo

“(…)a educação deve ter a ideia de um futuro virada para um estilo de vida saudável, para a socialização, para a qualidade de vida.”

“(…)que cada vez mais se veja a educação Física como um fator determinante para a melhoria da qualidade de vida.”

“(…)o tempo que temos para a lecionação não é o mais desejado, mas mesmo com o pouco que temos (…) devemos trabalhar nesse sentido, criar nos alunos um estilo de vida saudável, para que eles percebam que realmente devem praticar atividade física, não só nas poucas horas que temos, mas que ganhem o gosto e que procurem fora das aulas praticar sempre que possível essas atividades (…)”

“(…)acho que é esse o intuito de fundamentar a educação Física nesses aspetos, virar para um estilo de vida saudável e para a socialização por forma a que percebam que é uma forma de interagirem com outras pessoas de uma forma mais agradável, não aquela de competição que vemos muitas vezes que é desagradável mas a de uma socialização positiva(…)”

Face a esta questão e tendo como referência os dois tipos de concepção de Educação Física (ideia de um futuro ligada ao desporto e ideia de futuro virada para um estilo de vida saudável), constatamos que:

Das quatro professoras entrevistadas, todas consideram que a Educação Física deve ter a ideia de futuro virada para um estilo de vida saudável, para a socialização e para a qualidade de vida, e que este deve ser um princípio norteador da Educação Física escolar. Esta posição é partilhada por diversos autores (ACSM, 1998; Silva, 2006a; Silva, 2006b; Ortega et al., 2008; Singh et al., 2012). Indubitavelmente, e hoje mais do que nunca devido a toda a conjectura que envolve e implica o nosso País, a escola vê-se a assumir, de modo primordial, as funções de regular, de controlar, de instruir, de higienizar e de formar as crianças e jovens. Para Tani et al. (1988), o movimento enquanto elemento fundamental da manifestação da vida é de grande importância não apenas biológica, mas também psicológica, social e cultural, pois é através do movimento que o Homem interage com o meio que o rodeia. Ao que completamos que tudo isto é saúde! Pois contém os seus principais ingredientes: físico, mental, social e ecológico. Algumas das entrevistadas mencionaram também que a visão pelo “estilo de

vida saudável” é a prática corrente nas suas escolas, referindo uma das professoras que a variável da ideia de um futuro voltado para a competição não pode ser dissociada da outra variável mas remetida para o campo do desporto escolar. O movimento corporal é o principal objeto de estudo da Educação Física. Acerca do funcionamento corporal, uma das entrevistadas refere-se ao “prazer” que se obtém da Educação Física, ao “gosto pela prática desportiva”, ao “gosto pelo movimento”, tal como também foi assinalado por Betti (1992) na sua dissertação de mestrado. Esta autora refere-se ao “experimentar a aula” enquanto medida de participação ativa. Porém, não deixa de assinalar que da mesma forma existem aqueles professores que premeiam o sucesso, também não deixa de penalizar aqueles que castigam o insucesso.

Muitas vezes, situações deste tipo ocorrem porque existe o *rigor* da avaliação. O que significa, tal como foi indicado por uma das entrevistadas, através do esforço o aluno terá que ter aptidão físico-motora suficiente para atingir metas mais complicadas. Outras entrevistadas, salientaram que se não houvesse tanto rigor na avaliação, estaria ao alcance de cada docente privilegiar o esforço de cada aluno e encaminhá-lo para a área que ele mais se destacasse. Na mesma linha de pensamento, uma das professoras refere simultaneamente que o exercício físico é o principal mecanismo para melhorar a nossa saúde e a qualidade de vida, sendo importante para o desenvolvimento intelectual, favorecendo um melhor desempenho escolar e um melhor convívio social. Parece que devemos atender a sugestão de uma das entrevistadas “consciencialização”, pois como referiu “tudo isso vai condicionar a postura do próprio aluno e a conceção que ele vai ter da Educação Física vs vida saudável”. Segundo de Marco (1995 citpor Sorato et al. (2009), *“a capacidade da criança se movimentar é essencial para que ela possa interagir consigo mesma e com o meio ambiente em que vive; os quais desempenham um papel formidável na extensão dos limites do crescimento e do seu desenvolvimento, sendo este um processo demorado e sucessivo”* (pág.4). Julgamos que não é pretensão dos profissionais de Educação Física regular a sua atividade avaliativa baseando-se exclusivamente na aplicação de testes enquanto mecanismo de mensuração, mas cujo carácter é meramente instrumental no processo educativo. Ao invés, acreditamos que para além da aplicação dos testes, devem ser adicionados outros instrumentos, como por exemplo, fichas de registo de comportamentos, escalas de atitudes, recolha de dados dos alunos ao longo dos tempos sempre baseado em objetivos curriculares, ... convidar os alunos a participarem no *processo de negociação* da avaliação. Todavia, não podemos

deixar de referir que a avaliação é uma forma específica de abordar uma determinada realidade que no caso da Educação Física escolar é sobretudo educativa.

Uma das entrevistadas afirmou que “o tempo que temos para a seccionarção não é o mais desejado”, mas que com o pouco tempo que dispõe procura “criar nos alunos um estilo de vida saudável”, que eles ganhem “gosto pelas aulas”, de forma a continuarem a prática “fora das aulas”. Tal como Piéron (1999) que aborda a questão do tempo disponível para a prática (o tempo compreendido entre as atividades de transição de material e a prática propriamente dita), somos de opinião que é preciso aumentar o tempo de empenhamento, que é preciso aumentar a densidade motora das aulas de Educação Física, pois só desta forma se consolida o gesto motor, por um lado, e aumenta a carga (volume e intensidade) de treino, por outro.

2. Os modelos didáticos e pedagógicos que utiliza nas aulas de Educação Física respondem às necessidades? Sente o dever de fazer (e faz) formação contínua? Se sim, que tipo de formação faz predominantemente?

2ºCiclo

“(...)através de alguma investigação, de alguma atualização eu vou tentando adaptar sempre em cada aula a cada aluno todos esses modelos, uns que já temos, que nos vem desde a nossa formação mas outros que fomos aprendendo com outros colegas noutras situações de formação, e portanto acho que vão respondendo às necessidades.”

“(...)sinto o dever de fazer uma formação continua, de qualquer forma não nos modelos em que atualmente ela nos é imposta(...)”

“(...)chego à conclusão que o modelo atual que nos é imposto através da formação com “x” horas para obter créditos para uma eventual progressão na carreira nos condiciona eventualmente ao nível dos temas(...)”

“(...)aqueles temas que antigamente eram abordados nas escolas eram muito mais profícuos na questão do aproveitamento dos resultados deixaram de existir(...)”

“(...)o professor por sua auto- recreação é que tem de ter essa capacidade de estar interessado em atualizar-se e procurar através de uma pesquisa pessoal, estar atualizado.”

“(...)muito francamente, ainda não tive nenhuma formação que viesse ao encontro das minhas exigências e que me tivesse satisfeito ao nível profissional, a última que fiz concretamente teve haver com a avaliação e uma vez que este ano sou a coordenadora do núcleo de estágio teve algum sentido, (...)”

“(...)ao nível da concretização da aula de educação física isso aí continua tudo muito aquém e não há resposta a dar neste momento porque não há formação que venha satisfazer essas necessidades(...)”

2ªCiclo

“(...)nós somos insatisfeitos por natureza, queremos sempre mais e mais, mas a nível de material, e a nível daquilo que fazemos aqui acho que estamos muito bem em relação a outras realidades(...)”

“(...)A ultima formação que fiz foi salto à corda, sexualidade e afetos(...)”

2ºCiclo

“Os Modelos didático e pedagógico que utilizo nas minhas aulas na maior parte das vezes, na quase totalidade de alunos e nas diferentes escolas funcionam(..)

“(...)faço sempre que possível mais direcionadas aos desportos coletivos, alimentação e saúde.”

3Ciclo

“O tempo é demasiado curto para que se possa fazer um trabalho mais completo(...)”

“(...)penso que é o suficiente para lhe criar o gosto e os incentivar para essa prática, portanto penso que a base é feita depois o trabalho em si terá realmente de ser feito por eles fora das aulas(...)”

“(...)sinto o dever e faço sempre que possível, uma vez que considero extremamente importante e necessário mantermo-nos atualizadas em relação ao trabalho que fazemos(...)

“Faço formação em áreas ligadas à prática embora a oferta seja muito reduzida.”

“Procuro realizar formações em áreas que enriqueçam o meu reportório aquelas em que eu tenho menos conhecimentos e menos vivências(...)”

“(...)se eu fizer formação sei que poderei contribuir de forma mais positiva para que eles gostem mais e aprendam mais ainda(...)”

Já vimos que a Educação Física é uma área do conhecimento com conteúdos próprios e que se caracteriza por desenvolver nos alunos o corpo e a mente de forma integrada, através do envolvimento, sobretudo em atividades individuais e trabalho cooperativo de grupo. Aqui os alunos, para além da prática propriamente dita, aprendem a exprimir-se corporal e respeitosamente, ao mesmo tempo que formam a sua opinião crítica. E isto necessita de tempo, ... de muito tempo! Porém, todas as entrevistadas encaram que os modelos didáticos e pedagógicos que utilizam nas suas aulas Educação Física respondem às necessidades, embora uma das professoras tenha referido que “o tempo é demasiado curto para que se possa fazer um trabalho mais completo”, de qualquer forma pensa que é o suficiente para criar o gosto nos alunos e os incentivar para a prática.

Todas as entrevistadas sentem o dever de fazer formação contínua, i.e., de aprofundar e atualizar os conhecimentos e competências profissionais. Relativamente a este aspecto pensam que a formação nos moldes em que é feita não é profícua nem vai de encontro às necessidades dos docentes, pelo que todas procuram outro tipo de formação, através de pesquisas pessoais, que as ajude a inovar e a motivar cada vez mais os alunos para a prática desportiva. As últimas formações que estas fizeram foram sobre: avaliação, salto à corda, sexualidade e afectos, prática desportiva, desportos colectivos, alimentação e saúde. Ques está em sintonia com a oferta da maior parte dos Centros de Formação Contínua de Professores.

Uma das entrevistadas referiu que “muito francamente, ainda não tive nenhuma formação que viesse ao encontro das minhas exigências e que me tivesse satisfeito ao nível profissional, (...)”. Isto vem de encontro ao postulado por Day (2001) “*o sentido do desenvolvimento profissional dos professores depende das suas vidas pessoais e profissionais e das políticas e contextos escolares nos quais realizam a sua atividade docente*” (p.15). Por sua vez, Ruela (1999) diz-nos que a formação contínua, enquanto instrumento da Lei de Bases do Sistema Educativo, serve para “*conferir aos professores as competências e os conhecimentos profissionais necessários à concretização dos novos programas, metodologias e técnicas de ensino*” e “*preparar os professores para o desempenho de novas funções*” (p.17). Por isso, dada a exigência, e tratando-se de docentes de Educação Física e desporto, não estranhámos que as entrevistadas optem por formações em áreas da sua preferência. Uma entrevistada referiu “faço formação em áreas ligadas à prática embora a oferta seja muito reduzida”, “procuro realizar formações em áreas que tenho menos conhecimentos e menos vivências”, outra entrevistada “faço sempre que possível mais direccionadas aos desportos coletivos, alimentação e saúde”. Para além do carácter obrigatório, imposto pelo Ministério da Educação e Ciência, mesmo considerando que uma das entrevistadas referiu que “não há formação que venha satisfazer as necessidades (concretização da aula de Educação Física)”, pelo que preconiza a atualização de conhecimentos através de pesquisas bibliográficas, não podemos deixar de mencionar uma das entrevistadas que reconhece a formação como contributo “extremamente importante e necessário para a atualização (de conhecimentos)”, sendo ao mesmo tempo “mais positivo para que eles (alunos) gostem mais e aprendam mais ainda”. Uma das entrevistadas manifesta-se contrária ao atual modelo de progressão na carreira. Do contacto que tivemos com muitos docentes, julgamos que esta posição é praticamente consensual. Portanto, urge modificar o

modelo que impõe ações de formação contínua como critério determinante para a progressão na carreira (mesmo considerando que atualmente se encontra congelada!).

3. Sente que a Educação Física deve obedecer ao mesmo formalismo das restantes disciplinas, ou acredita que há espaço para mais do que isso?

2ºCiclo

“Na Concessão do ensino de português ou do ensino em Portugal acho que efetivamente, quase só a educação física terá esse espaço da forma como as matérias são dadas nas outras disciplinas há exatamente um formalismo muito eminente(...)”

“(...)não dá espaço áquilo que a educação física poderá efetivamente dar, o aluno para a aula de educação vem feliz, vem com vontade de estar mais e mais, de se revelar(...)”

“(...)e portanto acaba por ter um conhecimento muito mais abrangente do aluno e conseguir uma maior proximidade até desse mesmo aluno(...)”

“Espaço para mais, porque é uma disciplina com espaço aberto, é uma disciplina que permite exteriorização de algumas sensações emoções que numa aula tradicional não são possíveis e o chorar, o rir, o saltar, o empurrar, agredir(...)é muito mais visível num espaço de educação física, pela sua amplitude, pela sua dinâmica.”

2ºCiclo

“Não tem que ser como as outras disciplinas em aspeto algum, acho que é completamente o oposto(...)”

“(...)numa outra disciplina os alunos estão sentados numa cadeira, ocupam aquele lugar restrito, na educação física não, eles ocupam um espaço enorme e estão sempre em movimento.”

“(...)a educação Física em relação às outras disciplinas, mesmo em termos de avaliação, acaba por ser muitíssimo diferente, porque à um espaço para muito mais, os alunos nessas aulas exteriorizam os sentimentos (...)”

“(...)enquanto nas outras disciplinas se faz apenas um teste e depois se corrige o teste, quando está a corrigir o teste o professor eventualmente pode não estar a ver o aluno, e nós aqui na educação física avaliamos o aluno todos os dias(...)”

2ºCiclo

“(...)devemos valorizar mais a participação do que o êxito de quem executa(...)”

“(...)valorizar de quem tenta executar e não e não os excelentes executantes que não mostram trabalho e motivação, não sei se isto se considera formalismo(...)”

“(...)as regras devem ser para todos, com todas as suas especialidades(...)”

“(...)enquanto disciplina com avaliação, necessita de implicar formalismo mas não da mesma forma, uma vez que tem características próprias.”

“(...)Há ainda a questão da socialização, onde em educação física é possível pois há tempo e espaço para o fazer(...)”

3ºCiclo

“(...)a Educação Física é uma área que permite a exteriorização de sentimentos de emoções o que não acontecem em aulas mais teóricas.”

“É uma disciplina que permite correr, saltar e por vezes até gritar e isso nas outras disciplinas é impossível.”

“(...)acabam por se sentir muito melhor por libertar stress energias acumuladas por se divertirem e obviamente que faz com que educação Física seja uma disciplina completamente diferente das outras(...)”

“Se o nosso objetivo fundamental é o trabalho do corpo, o movimento, é óbvio, que tem de haver espaço para muito mais do que aquele mero formalismo das outras disciplinas.”

A totalidade das entrevistadas afirmou que a Educação Física não deve obedecer ao mesmo formalismo das outras disciplinas, acreditando que há espaço para mais do que isso, uma vez que, ao contrário das outras disciplinas, os alunos estão num espaço aberto que permite a exteriorização de sensações e emoções que não são possíveis nas outras disciplinas. Inclusivamente, na questão da avaliação acaba por ser muito diferente das restantes disciplinas, precisamente por haver espaço para mais, permitindo que os alunos se expressem, se libertem, exteriorizem emoções, sentimentos e sensações, que coloquem em prática o movimento e o corpo. A felicidade e a vontade de participar activamente nas aulas tem expressão no trabalho de Betti (1992) acerca do prazer que os alunos sentem nas aulas de Educação Física. Por outro lado, o formalismo da Educação Física não é o mesmo formalismo das restantes disciplinas do currículo escolar, e isto já foi apontado por Girardi et al. (2004), para quem o aumento do formalismo da vida escolar, sobretudo nas disciplinas de Português e Matemática, trouxe uma considerável redução das actividades de tempo livre das crianças.

Uma das professoras refere que se deve “valorizar mais a participação do que o êxito de quem executa”, “valorizar quem tenta executar e não os excelentes executantes que não mostram trabalho e motivação”, não sabendo se isso se considera ou não formalismo, afirma que “as regras devem ser para todos, com todas as suas especialidades”. Acabando esta, por ir de encontro ao que as outras professoras referem, dizendo que a Educação Física enquanto disciplina com avaliação necessita de implicar um certo formalismo mas não da mesma forma, uma vez que tem características próprias, desde logo porque ao contrário das restantes disciplinas “os alunos estão sempre em

movimento”. De modo oposto às restantes disciplinas, cuja avaliação é feita essencialmente pela cotação obtida nos testes escritos (componente específica), em Educação Física os alunos estão permanentemente a serem avaliados, aula-a-aula, seja na sua forma específica seja transversal. Diremos mesmo que nenhuma outra disciplina faz tanto e tão bom uso da avaliação contínua como a Educação Física.

GRUPO III

1. Perante todas estas reflexões o que é para si um bom professor de Educação Física

2ºCiclo

“(…)é aquele que conseguir conciliar, aquilo que é obrigado a concretizar(…)

“(…)através da concretização de um programa conseguir fazer com que haja espaço para o aluno ser de certa forma livre, de se exprimir, de exteriorizar todas aquelas aprendizagens que não são condicionadas pelo próprio programa(…)”

“(…)quando temos adesão quer dizer que o professor consegue sensibilizar o aluno e que efetivamente lhe mostra a importância da disciplina de educação física(…)

2ºCiclo

“Amigo do aluno, aberto ao diálogo, perceber as necessidades dele as carências que às vezes são tantas e nós conseguimos aqui percebê-las melhor que ninguém. É estar atento, é conseguirmos perceber aquilo que temos à nossa frente e abrir o nosso coração.”

2ºCiclo

“(…)é aquele que consegue implantar nos alunos o gosto pelo desporto, pela pratica desportiva fora do horário das aulas.”

“(…)que consegue mostrar ao aluno que o aluno tem jeito para determinada habilidade desportiva e que consegue que os alunos trabalhem em equipa para atingir estes objectivos.”

“(…)deve ter como objetivo de proporcionar boas práticas aos seus alunos, permitindo-lhes aplicar/desenvolver as suas capacidades e superar as suas dificuldades.”

“Deve ter presente o objetivo de promover estilos de vida e pessoas saudáveis.”

“(…)transmita aos alunos vontade de aprender mais sobre cada modalidade; dê espaço e tempo para os alunos poderem socializar entre si(…)

“Alguém com muita vontade de ensinar e capaz de gerir uma turma, de forma a torná-la eficiente para poder demonstrar rendimento!”

3ºCiclo

“Para mim não há um modelo de bom professor de Educação Física.”

“Um bom professor é aquele que perante determinados alunos, com determinadas condições existentes na escola, com o material disponível para uma determinada aula, perante condições climáticas, consegue atingir os objetivos a que se propõem(...)”

“É aquele professor que tem a capacidade de se adaptar conforme as condições que lhe são apresentadas(...)

“É também um professor que se preocupa em dar cada vez mais, que não se acomoda no tempo, mas que de dia para dia consegue transformar a sua experiência em melhorias do seu processo de ensino(...)

“(...)é aquele que procura sempre mais e procura sempre melhor.”

Nesta última questão, as respostas foram extensas, e portanto a análise realizada situar-se-á na apresentação das ideias centrais do que seria um bom professor. Contudo, antes de evoluirmos para a tarefa de análise e interpretação dos dados obtidos, importa reter as conclusões do estudo de Ferreira & Moreira (2010) acerca da auto-estima dos professores de Educação Física em Portugal. Neste estudo, realizado com uma amostra de 15 professores de Educação Física, ficou demonstrado que independentemente quer da instituição de ensino superior frequentada quer da experiência profissional anterior, de uma forma geral os professores consideram-se bons profissionais, pois possuem boas capacidades pedagógicas, onde promovem as aprendizagens e desenvolvem as capacidades dos seus alunos, através da inclusão de valores e da valorização do saber estar. Muitas destas argumentações também são utilizadas por alguns dos sujeitos do nosso estudo.

Uma das professoras, considera que um bom professor de Educação Física é aquele que consegue conciliar a concretização de um programa e conseguir que haja espaço para o aluno se sentir livre, de se expandir, de se exprimir e de exteriorizar todas as aprendizagens que não são condicionadas pelo programa da disciplina.

Para outra professora, um bom professor de Educação Física deve ser amigo do aluno, aberto ao diálogo, perceber as suas necessidades e as suas carências, estar atento e “abrir o coração”. Julgamos que ao assumir os conceitos de amizade, de compreensão e de abertura ao diálogo não deixam de ser reveladores de exigência e humildade face ao contributo enquanto professora. A este propósito, também Nunes (1994) menciona que os professores de Educação Física assumem-se, quase sempre, como educadores concentrados na tarefa de formação global dos seus alunos.

Outra professora refere, que não há um modelo de bom professor de Educação Física, no entanto atenta que um bom professor é aquele que, perante as adversidades,

consegue atingir os objetivos a que se propõe. É também um professor que nunca se acomoda, que consegue transformar a sua experiência em melhorias do seu processo de ensino, é aquele que quer sempre mais e melhor. Esta questão da anti-acomodaçã, da preocupação com o progresso e da quase sempre motivaçã, está bem patente no estudo de Maschio et al. (2008), que referem que estará “relacionado com uma motivaçã gerada por um motivo e que este pode ser consciente ou inconsciente”.

E por último, uma das professoras aprecia que um bom professor é aquele que consegue inculcar nos alunos o gosto pelo desporto e pela prática desportiva fora do horário das aulas. É aquele que consegue mostrar ao aluno que tem jeito para determinada habilidade desportiva e que consegue que os alunos trabalhem em equipa para atingir os objetivos. Deve proporcionar aos alunos boas práticas, permitindo-lhes desenvolver e superar as suas dificuldades. Deve também transmitir aos alunos vontade de aprender mais sobre cada modalidade desportiva e dar-lhes espaço para eles poderem socializar. Um bom professor deve ser alguém com vontade de ensinar e capaz de gerir uma turma, de forma a torná-la eficiente para poder demonstrar rendimento.

As preocupações de natureza pedagógica, tanto assinaladas pelos sujeitos entrevistados, está enraizada na sua matriz estudantil. No estudo de Carreiro da Costa (1994), realizado com estudantes do ensino superior do curso de Educação Física ficou patente que as características mais evidenciadas foram: i) a capacidade pedagógica, ii) as características da personalidade, iii) as atitudes, iv) a promoção das aprendizagens, e v) o desenvolvimento das capacidades dos alunos.

Não obstante, uma análise atenta de todas as entrevistas chega-se à conclusão que existe um denominador comum: o gosto pela actividade física e desportiva e o gosto por ensinar crianças e jovens. Estes aspectos também foram evidenciados nos estudos de (Spittle et al.2009 , Carral & Pérez 2010 e Madejski et al. 2010). Na base daquilo que consideram ser um bom “professor de Educação Física” também estão as experiências tidas quer com os vários professores que tiveram durante o seu percurso académico quer com os técnicos que lidaram ao longo do seu percurso desportivo, que a avaliar pelas respostas dadas podemos inferir que as experiências foram maioritariamente positivas.

3.6. Conclusão

O profissional de Educação Física deve ter capacidade para executar habilidades motoras e reproduzir os movimentos que não são abordados na escola. Enquanto uns professores direcionam aqueles alunos que tenham mais aptências para clubes, outros defendem que o que se pretende é que seja uma competição saudável e não aquela que procura o rendimento em si.

Ainda que a vertente mais competitiva da Educação Física não tenha sido abandonada nem totalmente descurada pelos professores de Educação Física, é na vertente mais direcionada para a saúde que tem sido feito o maior investimento.

As aprendizagens suscetíveis de serem adquiridas em Educação Física são inúmeras e não se referem unicamente à condição desportivo-motora, ainda que seja a partir desta que outras aprendizagens são conseguidas (e.g., competência, eficiência, autonomia, consciencialização, auto-estima e autoconfiança, criação e fomento do espírito de equipa e de entajuda/solidariedade, combate à exclusão e à eliminação de medos/receios, combater traumas e complexos, ...). No conjunto de todas as disciplinas escolares, a Educação Física é a única que possibilita movimento, a *corporalidade*, a expressão de sentimentos/emoções.

A atividade física é um veículo importante, senão mesmo o mais importante, na aquisição de um morfotipo saudável e gerador de qualidade de vida e bem-estar. Combate-se o excesso de peso e obesidade e os problemas dele decorrentes, onde para além dos de saúde, também o estigma social e moral indesejável. De forma a aumentar o volume da atividade física, a melhorar o desempenho desportivo, a melhorar os hábitos de vida, a combater o insucesso escolar, a promover a inclusão, é importante a valorização do desporto escolar, mas não confundir o aluno com o atleta.

Apesar da ampla necessidade e das advertências de algumas entidades (ACSM e WHO), cada vez se verifica um aumento da escassez do número de horas destinadas à Educação Física e ao desporto escolar. Sugere-se uma redução da imposição programática da Educação Física escolar, uma vez que a mesma parece atuar como obstáculo à diversidade e criatividade, bem como limitar a felicidade dos alunos durante as aulas de Educação Física.

É importante criar uma cultura do pensamento, de forma a contrariar a desvalorização da disciplina de Educação Física e as suas enormes potencialidades. Os professores de Educação Física procuram sempre ações de formação que vão de

encontro às suas necessidades, gostos e preferências. O formalismo em Educação Física não é o mesmo das outras disciplinas. Na base desta diferença está o espaço (sala) de aula. Um bom professor de Educação Física é aquele que para além de concretizar o programa, ainda tem espaço para a liberdade, a expansão e a exteriorização das aprendizagens por parte dos alunos. É um professor amigo do aluno, numa relação de abertura ao diálogo, de modo a perceber as necessidades e carências, mas sempre concentrado na tarefa de formação global dos seus alunos. Incentiva os alunos para a prática desportivo-motora, mesmo fora do contexto extra-escolar. Este professor nunca se acomoda, está preocupado com o progresso, sempre motivado, gosta de ensinar, sabe gerir uma turma, quer sempre mais e melhor.

Finalmente recuperando, a investigação realizada com os alunos (pág 12) no âmbito da intervenção Pedagógica os resultados mostram que que a metodologia utilizada, que privilegia o movimento, a liberdade, a expressão, foi tendo um impacto positivo a todos os níveis, desde as atividades utilizadas até à evolução das aprendizagens dos alunos.

4. Considerações Finais

Ao nível acadêmico cheguei ao fim de mais uma corrida. Em termos profissionais cheguei ao final de uma etapa. Penso ter ganho vantagens, que me irão de algum modo ajudar no que ainda falta percorrer.

Este ano foi extremamente rico em experiências, que contribuíram sem dúvida para a minha formação. No seu decorrer, através da minha prática e do refletir sobre esta, fui adquirindo e consolidando conhecimentos, tanto a nível científico como didático/pedagógicos.

O estágio assume um papel fulcral, para a nossa formação e ao mesmo tempo desempenha um papel social dentro da escola. Contribui para o reconhecimento da disciplina, uma vez que esta atividade permite à comunidade escolar aperceber-se do grau de empenhamento e complexidade inerentes à nossa atividade profissional.

As condições reais (n.º de alunos, material e estado de conservação, instalações, desníveis sociais, de capacidades motoras e intelectuais na mesma turma, etc.) condicionam de certa forma o processo ensino-aprendizagem. Por isso tem o professor que planear, realizar e avaliar tendo em consideração todos esses fatores. Adaptando o ensino, de modo a que este garanta a todos os alunos a possibilidade de vencer.

São ainda várias as coisas que se nos deparam difíceis de resolver e perceber na ação docente, principalmente devido aos poucos anos de experiência. No entanto, se todos eles forem tão ricos e gratificantes como este, com certeza que essas irão diminuir progressivamente, otimizando cada vez mais a minha ação docente.

Não posso deixar passar em claro, o clima de cooperação, de camaradagem, de profissionalismo, de sinceridade e, principalmente, os laços de amizade que se reforçaram ao longo deste ano, entre nós, grupo de estágio. Estiveram sempre presentes nos momentos mais complicados, desprovidos de qualquer interesse, de forma a ultrapassá-los o mais rapidamente possível. Este sentimento é extensível ao supervisor de estágio, bem como, professora cooperante, pela sua disponibilidade, pela transmissão de conhecimentos, pela crítica construtiva, pelo apoio e colaboração durante o estágio.

BIBLIOGRAFIA

- ACSM (1998). Position Stand on The Recommended Quantity and Quality of Exercise for Developing and Maintaining Cardiorespiratory and Muscular Fitness, and Flexibility in Adults. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, 30 (6): 975-991.
- Altmann, H.; Mariano, M. & Uchoga, L. (2012). Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. *Pensar a Prática*, Goiânia, 15 (2): 285-301.
- Baptista, F. (2001). *As instalações desportivas e as atividades físicas e desportivas dos alunos do ensino público obrigatório do Concelho de Braga - estudo sobre a relação entre a legislação e a realidade*. Dissertação de Mestrado, (não publicada), Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto.
- Bardin, L. (1991). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70.
- Betti, I. (1992). *O prazer em aulas de Educação Física escolar: a perspetiva discente*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.
- Betti, I. (1999). Esporte na escola: mas é só isso, professor? *Motriz*, 1 (1): 25-31.
- Bento, O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa, 1ª Edição: Livros Horizonte, Lda.´
- Bento, J. (1991). *Desporto, saúde, vida. Em defesa do desporto*. Livros horizonte. Lisboa.
- Boscatto, E.; Duarte, M. & Gomes, M. (2011). Comportamentos ativos e percepção da saúde em obesos submetidos à cirurgia bariátrica. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 16 (1): 43-47.
- Bracht, V. (1999). A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 48, 69-88.
- Byrd, J. (2007). The Impact of Physical Activity and Obesity on Academic Achievement Among Elementary Students, *Connexions*, Mar 30.
- Carral, J. & Pérez, C. (2010). What do We Know about the Profile and Characteristics of University Physical Education Students? Findings from a Pilot Study. *European Journal of Physical & Health Education*, 4 (2): 65-72.
- Carreiro da Costa, F. (1994). Formação de professores: objetivos, conteúdos e estratégias. *Revista Colóquio, Educação e Sociedade*, 5 (1): 21-34.

Cortesão, M. (2010). *Clima Escolar, Participação Docente e Relação entre os Professores de Educação Física e a Comunidade Educativa*. Dissertação de Mestrado,(não publicado) Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

Darido, S. et.al, (1999). Educação Física no ensino médio: reflexões e ações. *Revista Motriz*, 5 (2): 138-145.

Day, C. (2001). *Desenvolvimento Profissional de Professores. Os desafios da aprendizagem permanente*. Porto Editora.

DGIDC (2010) - Equipa Responsável pelas Metas de Aprendizagem de Educação Física. *Documento de Apoio à Organização Curricular e Programas de Educação Física*.

Dubar, C. (1997). Formação, trabalho e identidades profissionais. In: Canário, R. (org.) *Formação e situações de trabalho* (p. 43-52). Porto: Porto Editora.

Ferreira, A. & Moreira, J. (2010). A auto-estima profissional dos professores de educação física em Portugal. *Exedra*, 4: 65-80.

Ferreira, A. Et al, (2011). Perceções sobre o Estatuto Socioprofissional dos Professores de Educação Física em Portugal. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Vol. Extra-Série 2011.

Fonseca, A. & Maia, J. (2001). *A Motivação dos Jovens para a Prática Desportiva Federada: um estudo com atletas das regiões centro e norte de Portugal com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos*. Lisboa. Centro de Estudos e Formação Desportiva.

Fórum do Desporto da Península de Setúbal (2007).

Ghilardi, R. (1998). Formação profissional em Educação Física: a relação teoria e prática. *Motriz*, 4 (1): 1-11.

Girardi, A. Et al. (2004). A importância do brincar no desenvolvimento da criança. *Revista Acrópolis*, 12 (84): 220-222.

Hallal, P. Et ,al . (2006). Adolescent physical activity and health: a systematic review. *Sports Medicine*, 36 812): 1019-1030.

- Holly, M. & Walley, C. (1989). *Teachers as Professionals*. In: Holly, M.L. & McLoughlin, C. (Eds.). *Perspectives on teacher professional development*. Londres: The Falmer Presss.
- Lança, R. (2009). *Animação Desportiva e Tempos Livres-Perspetivas de organização*. Texto Editores, 2ªedição
- Libâneo, J. (2001). *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. Educar, Curitiba, 17: 153-176.
- Madesjki, E.; Kosiba, G. & Majer, M. (2010). *Present attitudes of physical education students towards future employment in their profession*. Acta Univ. Palacki. Olomuc., Gymn. 40 (2): 27-35.
- Martins, I. (2010). *Clima de Escola, Participação e Identidade - Um olhar sobre a disciplina e o professor de Educação Física*. Dissertação de Mestrado (não publicado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Martins, M. (2010). *A educação física como estratégia de combate ao insucesso escolar: a perspetiva dos professores de uma Escola Secundária do Concelho de Vila Real*. Dissertação de Mestrado (não publicado) em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Maschio, V. Et al, (2008). *As motivações para a escolha do curso de licenciatura em educação física: um diálogo com académicos em formação inicial*. Universidade Federal de Santa Maria – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física (GEPEF/UFSM). Trabalho apresentado no SIEduca: *XIII Seminário Internacional de Educação*, Cachoeira do Sul, RS.
- Mauad, J. (2003). *Avaliação em Educação Física Escolar: Relato de uma Experiência*. Dissertação de Mestrado (não publicado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.
- Marques, M, & Krug, M (2008). *Educação física escolar: expetativas, importância e objetivos*.(2013) *In Revista Digital: Buenos Aires*, Vol 13 n°122
- Ministério da Educação – In Portal da Educação, <http://www.portugal.gov.pt/pt.aspx>, acedido em 13 de Abril de 2013.
- Ministério da Educação (2009). *Desporto escolar abrange mais alunos e escolas*, In portal da Educação.

Neuenfeldt, D. Et al, (sd). *A questão da especialização precoce no esporte*. Comunicação UNIVATES.

Novais, V.F.C. (2007). *Atividade física e sucesso escolar: estudo em crianças e adolescentes institucionalizados e não institucionalizados*. Monografia (não publicada) de 5º ano, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto.

Oliveira, M; Oliveira, L. & Vaz, A. (2008). Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de educação física. *Pensar a Prática*, Goiânia, 11 (3): 303-318.

Ortega, F. Et al. (2008). Physical fitness in childhood and adolescence: a powerful marker of health. *International Journal of Obesity*, 32: 1-11.

Praia, J. (1995). Formação de Professores no Ensino da Geologia: Contributos para uma Didática fundamentada na Epistemologia das Ciências. (Vol.I). Dissertação de Doutoramento - Não Publicada. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Pellegrini, A. (1988). A Formação Profissional em Educação Física. In Passos, S.C.E. (coordenação) - *Educação Física e Esportes na Universidade Brasília*: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto.

Piéron, M. (1999). *Para una enseñanza eficaz de las actividades Físico-despotivas*. Inde. Barcelona.

Pena, V. (2008). *A importância da Educação Atual*. Retirado a 12/11/2012 em <http://pt.shvoong.com/humanities/1802136-import%C3%A2ncia-na-educa%C3%A7%C3%A3o-atual/>

Ruela, C. (1999). *Centros de Formação das Associações de Escolas: Processos de construção e natureza da oferta formativa*. Instituto de Inovação Educacional.

Ruiz, J. et al, (2006). Health-related fitness assessment in childhood and adolescence: a European approach based on the avena, eyhs and helena studies. *Journal of Public Health*, 14: 269-277.

Sallis, J. et al. (1999). Effects of health-related physical education on academic achievement: Project SPARK. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 70: 127-134.

Sampaio, A. (2000). *O Poder Discriminatório das Estatísticas do Jogo de Basquetebol em Diferentes Contextos: Novos Caminhos metodológicos de Análise*. Dissertação de Doutoramento, (não publicada) Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

Saraiva, J. & Rodrigues, L. (2011). Desenvolvimento motor e sucesso académico. Que relação em crianças e jovens? *Revista Portuguesa de Educação*, 24 (1): 193-211.

Shephard, R. et. al.. (1984). Required physical activity and academic grades: a controlled logitudinal study. In J. Ilmarinen & J. Valimaki (Org.), *Children and Sport* (pp. 58-63). Berlin: Springer Verlag.

Silva, D. (2006a). A assiduidade em Educação Física – importa refletir. *Revista Schola*, 14: 74-76.

Silva, D. (2006b). Benefícios e Riscos da Atividade Física Regular. In B. Pereira; G. Carvalho. *Atividade Física, Saúde e Lazer: A infância e estilos de vida saudáveis*, p.117-130. Braga: Universidade do Minho.

Silva, D, et al. (2010). Avaliação do índice de massa corporal das crianças do concelho de Fafe – estudo preliminar. Comunicação apresentada no III Congresso Internacional de Ciências del Deporte y Educación física. vi Seminario Nacional de Nutrición, Medicina y Rendimiento Deportivo, Pontevedra, España.

Silva, D. Vinhas, J & Oliveira, M. (2008). Avaliação do índice de massa corporal na população estudantil da Escola Secundária/3 de Barcelinhos. *Revista Schola*, 15: 56-66.

Silva, J. (2012). *Ser e aprender: contributos da educação física: um estudo em contexto no Pré-Escolar e no 1º ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Universidade dos Açores, Departamento de Ciências da Educação.

Singh, A. et al,(2012). Physical Activity and Performance at School: A Systematic Review of the Literature Including a Methodological Quality Assessment. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 166 (1): 49-55.

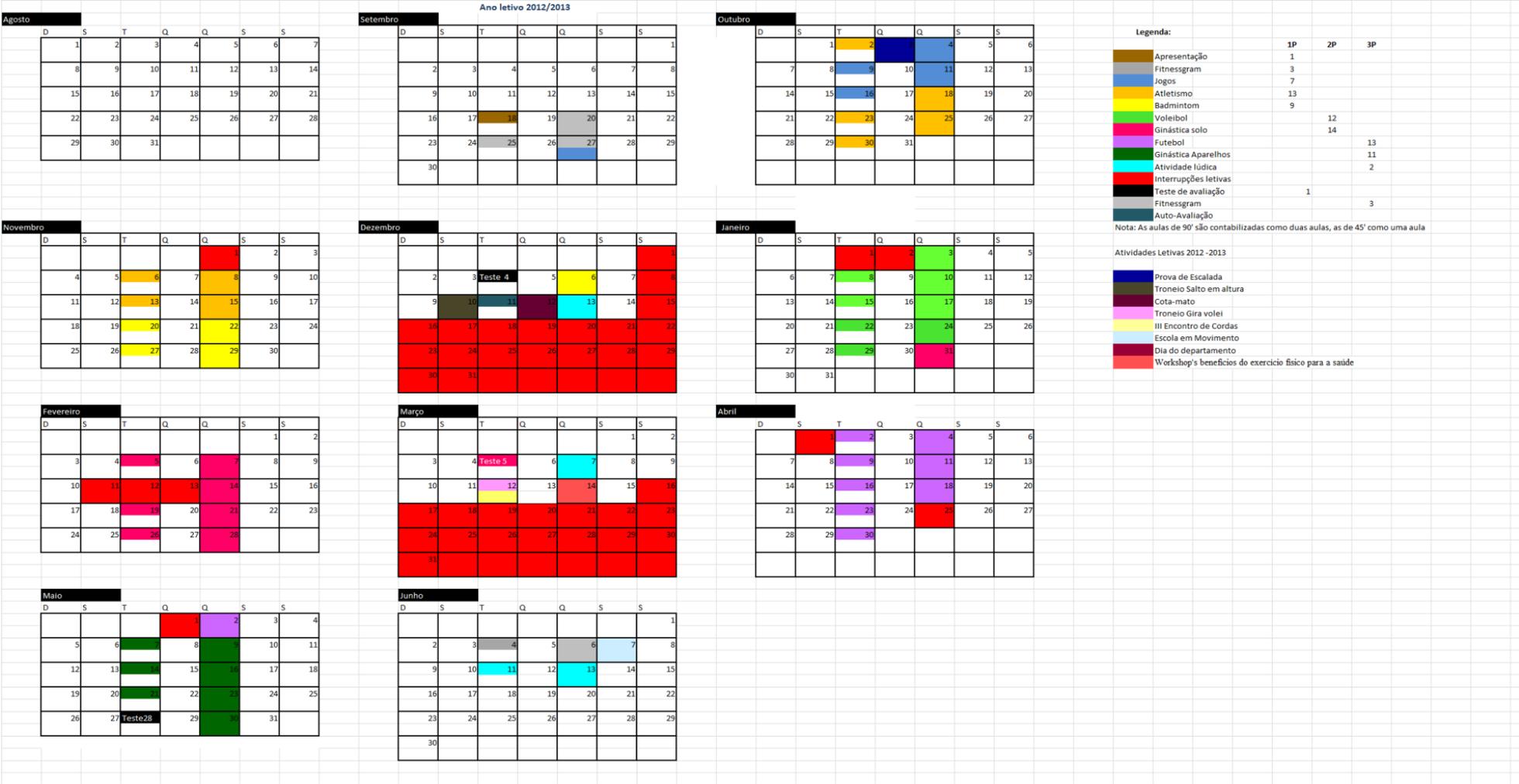
Souza Júnior, O & Darido, S. (2009). Dispensas das aulas de educação física: apontando caminhos para minimizar os efeitos da arcaica legislação. *Pensar a Prática*,12 (2): 1-12.

Sousa, J. (1991). Pressupostos, Princípios e Elementos de um Modelo de Planeamento em Educação Física. Dossier, *In Revista Horizonte*, Vol VIII, nº 46

- Spittle, M.; Jackson, K. & Casey, M. (2009). Applying self-determination theory to understand the motivation for becoming a physical education teacher. *Teaching and Teacher Education*, 25: 190-197.
- Surdi, A. & Kunz, E. (2007). O pensamento moderno e a crise na Educação Física. *Roteiro*, Unoesc, 32 (1): 7-36.
- Surdi, A; Kunz, E. (2010). Fenomenologia, movimento humano e a educação física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, vol. 16, núm. 4, pp. 263-290
- Surdi, A., Camilo Cunha, A. & Kunz, E (s/d). *O Movimento Humano, a fenomenologia e a educação: entre o mundo vivido e o mundo pensado* _ “O Sobressalto”. (no prelo)
- Tani, G. et al, (1988). *Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU.
- Varelas, T.(2010). *O Desporto Escolar como medida de combate ao Insucesso e Abandono Escolar*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.
- Veigas, J, et al. (2009). Motivação para a prática e não prática no desporto escolar. *Psicologia*, 15 de Outubro.

Anexos

Anexo A - Plano Anual



Anexo B- Calendarização do Período

CALENDARIZAÇÃO 2º PERÍODO

Data	Janeiro									Fevereiro							Março			
	3	8	10	15	17	22	24	29	31	5	7	14	19	21	26	28	5	8	12	15
Nº de Aula	35,36	37	38,39	40	41,42	43	44,45	46	47,48	49	50,51	52,53	54	55,56	57	58,59	60	61,62	63	64,65
Espaço	P	P	P	P	P	P	P	P	G	G	G	G	G	G	G	G	S	P		
Voleibol	1,2,3,4	2,3,4	2,3,4,5	2,3,4,5	2,3,4,6	2,3,4,5	1,2,3,4,5,6	AS 1,2,3,4,5,6												
Ginástica de Solo									1,2,3,4,9,10,11	5,6,11,12	1,2,3,4,5,6,7,8,9,10	1,7,8,10,12	1,2,9,10,12	1,3,4,10,11,12	AS 1,2,5,6,10,12	AS 3,4,7,8,9,11	Teste			
Atividade de aplicação																		AA		

P Pavilhão
 G Ginásio
 S Sala de aula
 AS Avaliação Sumativa
 AA Auto-Avaliação

Torneio de Cordas

Workshop

Modalidades	Conteúdos Programáticos	Nº de Aulas
Voleibol	1- Posição Base 2- Passe em Apoio; 3- Recepção em manchete; 4- Serviço por baixo; 5- Situação de jogo reduzido (1x1);	12

	6- Situação de jogo (2x2)	
Ginástica de Solo	1- Rolamento engrupado à frente; 2- Rolamento engrupado á retaguarda 3- Rolamento à frente de pernas afastadas; 4- Rolamento à retaguarda de pernas afastadas; 5- Rolamento engrupado à frente com plano inclinado; 6- Rolamento engrupado á retaguarda com plano inclinado 7- Rolamento à frente de pernas afastadas com plano inclinado; 8- Rolamento à retaguarda de pernas afastadas com plano inclinado; 9- Roda 10- Avião; 11- Ponte; 12- Pino de cabeça	14
Atividades de Aplicação	1- Atividades escolhidas pelos alunos 2- Concurso de Cordas 3- Workshop “Benefícios da atividade Física regular e planeada para a saúde”	3

Anexo C- Planeamento da Unidade Didática

UNIVERSIDADE DO MINHO		Estágio 2012/2013 Escola EB 2,3 Professor Gonçalo Sampaio				
UNIDADE DIDÁTICA: Ginástica de Solo		Nº de Aulas: 14	Ano: 5º	Turma: F		
Estagiária: Lucinda Rodrigues		Prof. Cooperante: Mafalda Almeida				
Competências gerais a desenvolver: Compor e realizar, da ginástica, as destrezas elementares de solo, em esquemas individuais, aplicando os critérios de correção técnica e expressão, e apreciando os esquemas de acordo com esses critérios.						
B l o c o s	COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	FUNÇÃO DIDÁTICA	AVALIAÇÃO
1,2	Domínio do “Saber fazer” - Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas gerais básicas. - Realizar os diferentes elementos gímnicos de solo; Domínio do “Saber estar” - Valorizar a responsabilidade pessoal; - Valorizar a segurança individual; - Promover o gosto pela prática regular da ginástica; - Cooperar com os colegas; - Admitir as correções do professor. - Desenvolver a autonomia e a autoconfiança;	-Realizar o rolamento à frente em diversas situações de progressão metodológica; -Executar a posição de equilíbrio “Avião” -Executar a roda -Realizar posição de flexibilidade “ponte”	-Segurança e transporte dos materiais; -Regras básicas; -Rolamento à frente engrupado; -Rolamento á retaguarda engrupado -Rolamento à frente de pernas afastadas; -Rolamento à retaguarda de pernas afastadas; -Roda -Avião; -Ponte	-Trabalho individual; -Trabalho por grupos;	-Transmissão;	-Avaliação diagnóstica;
3	Domínio do “Saber” - Identificar os diferentes elementos gímnicos de solo; - Conhecer as ajudas dos diferentes elementos gímnicos. Cumprir, sistematicamente e com rigor, as regras de segurança da ginástica.	-Exercitar o rolamento à frente; -Realizar o rolamento à retaguarda em diversas situações de progressão metodológica. -Realizar posições de equilíbrio “pino de cabeça” e posições de flexibilidade “Ponte”	-Rolamento à frente engrupado com plano inclinado; -Rolamento à retaguarda engrupado com plano inclinado; -Pino de cabeça -Ponte	-Trabalho individual; -Trabalho por grupos;	-Transmissão;	-Avaliação formativa;

4,5	-Exercitar o rolamento à frente e à retaguarda com MI engrupados; -Realizar o rolamento à frente e à retaguarda com MI afastados; -Exercitar a posição de Avião ; -Exercitar a roda	-Rolamento à frente engrupado com e sem plano inclinado -Rolamento à retaguarda engrupado com e sem plano inclinado ; -Rolamento à frente de pernas afastadas com plano inclinado ; -Rolamento à retaguarda de pernas afastadas com plano inclinado; -Avião; -Roda	-Trabalho individual; -Trabalho por grupos;	-Transmissão -Exercitação;	-Avaliação formativa;
6,7	-Realizar as posições de flexibilidade ponte; -Realizar os diversos rolamento à frente e à retaguarda	-Rolamento engrupado à frente -Rolamento à frente de pernas afastadas com plano inclinado; -Rolamento à retaguarda de pernas afastadas com plano inclinado; -Roda -Pino de Cabeça; -Avião	-Trabalho individual	-Exercitação;	-Avaliação Formativa;
8	-Exercitar o rolamento engrupado á frente e à retaguarda -Executar pino de cabeça, através das suas progressões metodológicas. -Exercitar a roda; -Exercitar a posição de equilíbrio “Avião”	-Rolamento à frente engrupado; -Rolamento à retaguarda engrupado; -Pino de Cabeça -Roda -Avião	-Trabalho individual	-Exercitação;	-Avaliação Formativa;
9,10	-Exercitar o rolamento à frente com os membros inferiores afastados; -Exercitar o rolamento à retaguarda com os membros inferiores afastados; -Exercitar a posição de equilíbrio “Avião” e “pino de cabeça” -Exercitar a posição de flexibilidade “ponte”	-Rolamento à frente com pernas afastadas -Rolamento à retaguarda de pernas afastadas -Rolamento engrupado à frente -Pino de Cabeça -Avião -Ponte	-Trabalho individual; -Trabalho por grupos;	-Exercitação; -Consolidação	-Avaliação Formativa;
11	-Avaliar o rolamento à frente e à retaguarda engrupado com e sem plano inclinado, bem como posições de equilíbrio avião e pino de cabeça;	-Avaliar os seguintes elementos gímnicos; -Rolamento à frente engrupado com e sem plano inclinado; -Rolamento à retaguarda engrupado com e sem plano inclinado;	-Trabalho Individual;	-Exercitação; -Consolidação; -Avaliação;	-Avaliação Sumativa;

			-Pino de Cabeça -Avião			
12,13		-Avaliar os rolamentos à frente com os Membros inferiores afastados com e sem plano inclinado; -Avaliar a posição de flexibilidade “Ponte”; -Avaliar a roda	-Avaliar os seguintes elementos gímnicos; -Rolamento à frente com pernas afastadas com e sem plano inclinado; -Rolamento à retaguarda engrupado com pernas afastadas com e sem plano inclinado; -Ponte; -Roda	-Trabalho Individual	-Exercitação; -Consolidação; -Avaliação;	-Avaliação Sumativa;
14	-Conhecer a capacidade de retenção de matéria abordada na aula	-Avaliar os conhecimentos Adquiridos nas aulas	-Teste	-Trabalho Individual	-Exercitação -Consolidação -Avaliação	-Avaliação de Conhecimentos

Anexo D-Plano de Aula

Plano de Aula nº 49

Data: 05-02-2013

Estagiária: Lucinda Rodrigues

Aula da UD nº: 3/14

Duração da Aula: 45'

Prof. Cooperante: Mafalda Almeida

Local: Ginásio

Ano: 5º

Nº de Alunos:19

Turma: F

Agrup. Escolas Prof. Gonçalo Sampaio



Unidade Didática: Ginástica de Solo

Material: Colchões e um tapete, roiter, apito

Objetivo Fundamental: Transmissão dos elementos gímnicos: rolamento à frente e à retaguarda; Pino de Cabeça; Avião.

Função Didática: Transmissão e Exercitação

Parte da aula	Objetivos específicos	Conteúdos	Organização Metodológica	Componentes Críticas	Tempo
I N I C I A L	- Verificar as presenças.	- Verificação das presenças dos alunos.	<ul style="list-style-type: none"> Alunos de frente para o professor.  <p>Exercício 1</p>	- Ouve atentamente.	1'
	- Preparar o organismo para a parte fundamental da aula, pela mobilização das principais articulações a serem solicitadas.	- Jogo "Corrida de gatas"	<p>Divide-se a turma em 3 equipas com o mesmo número de alunos. As equipas colocam-se em fila indiana, com as pernas afastadas e com as mãos nos ombros do colega da frente. O último da fila passa, de "gatas" (em quadrupedia), por entre as pernas de todos os outros, até chegar ao primeiro lugar, e assim sucessivamente até à meta</p>  <p>Exercício 2</p>	- Mantém braços nos ombros do colega; - Desloca-se em 4 apoios e com rapidez; - Quando está na fila afasta as pernas com uma amplitude suficiente para o colega passar	5'
		- Ativação geral.	- Alunos, à frente da professora e separados aproximadamente 1 braço		

			<p>uns dos outros :</p> <ul style="list-style-type: none"> -Rodar cabeça, pulsos, anca, joelhos, tornozelos; - Flexão e extensão dos MI, com mãos a segurar os tornozelos; - De pé, flexão do tronco à frente com MI unidos/afastados; <p>- hiperextensão do tronco;</p>  <p>- Afundo laterais e frontais, alternando MI;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Mantém a posição durante a realização dos alongamentos; - MI sempre esticados. 	7'
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">FUNDAMENTAL</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Exercitar o rolamento engrupado á frente com plano inclinado -Exercitar o rolamento engrupado à retaguarda com plano inclinado 	<ul style="list-style-type: none"> - Rolamento à frente engrupado a partir de um plano inclinado; - Rolamento à retaguarda engrupado a partir de um plano inclinado; -Ponte 	<p style="text-align: center;">Exercício3</p> <p>A turma dividida em 4 grupos distribuída pelas seguintes estações: Estação 1: Os alunos, individualmente, executam o enrolamento a partir de um plano superior inclinado</p>  <p>Estação 2: Os alunos, individualmente, executam o rolamento à retaguarda a partir de um plano inclinado.</p>  <p>Estação 3:Os alunos individualmente executam a ponte.</p>	<p>Rolamento à frente engrupado:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Apoia as mãos à largura dos ombros com os dedos abertos e virados para a frente -Coloca o queixo junto ao peito -Executa uma impulsão de pernas <p>Rolamento engrupado à retaguarda:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Coloca as mãos junto aos ombros, com as palmas para cima e dedos virados para trás -Mantém as costas numa posição arredondada -Desequilibra o corpo atrás -Coloca o queixo junto ao peito -Executa uma repulsão de braços <p>Ponte:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mantem os MS estendidos, olhar para as mãos e MI estendidos; - Palma das mãos na direção dos MI. 	5' 5'

	<p>-Exercitar a Ponte</p> <p>-Exercitar o Pino de cabeça</p>	<p>-Pino de cabeça;</p>	<div data-bbox="1034 209 1308 352" data-label="Image"> </div> <p>Estação 4:Os alunos individualmente realizam o pino de cabeça junto aos espaldares.</p> <div data-bbox="1084 507 1339 651" data-label="Image"> </div>	<p>Pino de cabeça: Coloca as mãos no colchão à largura dos ombros, com os dedos afastados e dirigidos para a frente e braços sempre em extensão - Une as duas pernas, mantendo sempre o olhar dirigido para as mãos, com a cabeça em posição neutra - Fixa a bacia com a contração das nádegas (retroversão da bacia) - Coloca o corpo na vertical e em extensão, desde os membros superiores até à ponta dos pés - Mantém o corpo em equilíbrio</p>	<p>5'</p> <p>5'</p>
<p>F I N A L</p>	<p>-Retornar à Calma - Arrumar o material</p>	<p>- Diálogo acerca das dificuldades dos alunos</p> <p>- Arrumação do material.</p>	<p>- Dispersos voltados para o professor.</p> <p>- Arrumam o material.</p> <div data-bbox="1294 762 1464 852" data-label="Image"> </div>	<p>- Colabora na arrumação.</p>	<p>2'</p>



ESCOLA EB 2, 3 PROFESSOR GONÇALO SAMPAIO

Unidade Didática: Ginástica de Solo

Plano de Aula n° 49

Local: Ginásio

Dia: 05-02-2013

Estagiária: Lucinda Rodrigues

Prof Cooperante: Mafalda Almeida

REFLEXÃO

A aula decorreu conforme tinha programado. Os alunos estiveram atentos à explicação de todos os exercícios que eram precisos executar no decorrer da aula, entretanto muitas foram as dificuldades sentidas principalmente na execução do pino de cabeça, os alunos revelam grandes dificuldades na elevação das pernas, sendo este um aspeto a trabalhar ao longo das aulas.

No rolamento à frente, como muitos não colocavam o queixo ao peito, utilizei um balão pequeno fazendo com que estes o segurassem com o queixo.

A nível comportamental, tive também de “castigar” dois dos alunos que estavam constantemente a brincar e por vezes a fazer aquilo que não lhes foi pedido. Os alunos demonstram falta de coordenação e apresentam algum receio na execução dos exercícios, esta situação deve-se ao facto de ser as primeiras abordagens à matéria.

Quando necessário procurei dar feedbacks individuais (a um aluno) e coletivos (à turma) e sempre corretivos e descritivos, com o sentido de promover uma melhoria na execução dos gestos. Também dei constantemente feedbacks positivos com o intuito de os motivar.

Os objetivos da aula foram cumpridos.

Anexo E- Questionário

Questionário

“As aulas de Educação Física a voz dos Alunos”

Este questionário, é realizado no âmbito de Estágio, inserida no Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário, tem como finalidade obter informação junto dos alunos do 2ºCiclo neste caso aplicado à turma que me encontro a lecionar, acerca da sua opinião sobre as aulas de Educação Física. Pedimos a sua compreensão e resposta verdadeira a todas as questões. O anonimato dos inquiridos será sempre mantido. Agradecemos a tua disponibilidade para responder a este inquérito.

Idade:

Sexo:

Segundo a tua opinião, classifica as seguintes questões de 1 a 5 (Nada Importante a Muito Importante).

Muito Pouco	Pouco	Razoável	Muito	Imenso
1	2	3	4	5

Segundo a tua opinião, classifica as seguintes questões de 1 a 5 (Detesto a Adoro).

		1	2	3	4	5
GRUPO A						
1	Consideras que ao longo do ano letivo evoluíste nas aulas de Educação Física?					
2	Achas que a estratégia adotada de utilizar muitas brincadeiras/atividades lúdicas nas aulas te motivou					
3	Na tua opinião as aulas de Educação Física foram úteis para que consigas trabalhar em grupo e/ou a superar as dificuldades?					

Detesto	Não Gosto	Gosto pouco	Gosto	Adoro
1	2	3	4	5

		1	2	3	4	5
GRUPO B						
1	Como classificas o teu gosto pela Educação Física?					
2	Como classificas o teu interesse pelas matérias/modalidades contempladas no programa de Educação Física (e aplicadas nas tuas aulas)?					

Em que disciplina te exprimes de um modo mais genuíno/autêntico?

Estando a terminar as nossas aulas de Educação Física, o que gostaste mais de realizar/praticar?

Obrigada pela tua Colaboração

Anexo F- Guião da Entrevista

Guião da Entrevista

Quando convocamos a literatura sobre a Educação Física constatamos que existem várias concepções de Educação Física que são influenciadas por lógicas ideológicas, políticas, culturais, curriculares. No entanto se quisessem fazer uma taxonomia sobre todas essas concepções poderíamos estabelecer dois grandes grupos (Onde o brincar, o jogar e competir são olhadas de formas diferentes), a saber:

Grupo A

Uma Educação Física que privilegia o movimento estimulado a partir do exterior, e aqui encontramos as lógicas de eficácia/rendimento e do aluno-objeto.

Grupo B

Uma Educação Física que privilegia o movimento como fenómeno a partir de dentro, tomando em atenção os aspetos mais qualitativos, os aspetos mais interpretativos e do aluno-sujeito.

Tomando em atenção estas duas realidades faça a sua representação/dê a sua opinião:

Grupo I:

4. O que pensa da Educação Física como disciplina curricular, que tem em atenção a eficácia, o rendimento, a padronização e racionalização:
 - Aspetos Positivos
 - Aspetos Negativos
 - Sugestões

5. O que pensa sobre a Educação Física como disciplina curricular, que tem em atenção o movimento dos alunos, a sua interpretação, a sua cultura de movimento:
 - Aspetos Positivos
 - Aspetos Negativos
 - Sugestões

6. Qual o paradigma dominante da Educação Física na sua escola? Concorda com essa situação? Se sim, o que sugere para reforçar essa questão? Se não, o que deveria mudar na sua opinião?

Grupo II:

- 1- A educação Física deve ter: **a)** a ideia de futuro ligada ao desporto e à competição e/ou **b)** a ideia de futuro virada para um estilo de vida saudável, para a socialização, para a qualidade de vida. Qual destas variáveis é cumprida na sua escola? O que sugere?

- 2- Os modelos didáticos e pedagógicos que utiliza nas aulas de Educação Física respondem às necessidades? Sente o dever de fazer (e faz) formação contínua? Se sim, que tipo de formação faz predominantemente?

- 3- Sente que a Educação Física deve obedecer ao mesmo formalismo das restantes disciplinas, ou acredita que há espaço para mais do que isso?

Grupo III:

- 1- Perante todas estas reflexões o que é para si um bom professor de Educação Física

Obrigado pela sua participação!

Entrevista_ Resposta

GRUPO I

1-O que pensa da Educação Física como disciplina curricular, que tem em atenção a eficácia, o rendimento, a padronização e racionalização?

Obviamente que nós procuramos sempre um certo rendimento, mas acima de tudo, para mim a educação física é pô-los a mexer, coloca-los a executar várias atividades dar-lhe o maior número de vivências possíveis fazer com que eles vivenciem situações que provavelmente nunca mais terão possibilidade de vivenciar. De acordo com isto tudo, para mim o brincar e o jogar é muito mais importante que propriamente o competir, se bem que acaba sempre por haver uma certa competição entre eles, mas o que se pretende é que seja uma competição saudável e não aquela procura propriamente do rendimento em si.

Aspetos positivos: Não Considero que esta Educação Física seja a mais correta e nem tão pouco é utilizada nas escolas e nas aulas, nem mesmo no desporto escolar onde há uma vertente mais direcionada para o rendimento, mas que mesmo aqui, não deixa de visar acima de tudo um desenvolvimento completo do aluno, permitindo-lhe vivenciar um leque de atividades que muitas vezes não são abordadas nas aulas, (na nossa escola temos o exemplo da escalada). Além disso, o desporto escolar visa também abrir oportunidades a todos os alunos de praticar várias modalidades e não apenas aos alunos melhores e mais capacitados para determinada modalidade. Esta seleção é feita mais a nível de clubes. Por isso considero inexistentes os aspetos positivos deste tipo de educação Física.

Aspetos Negativos: Por tudo que acabei de dizer, penso que esta visão da Educação Física não contribui para a verdadeira Educação do aluno, não apenas na educação Física, mas a Educação a vários níveis, como a da formação do caráter e da própria visão desta disciplina.

O aluno é visto como uma “máquina” e não são tidos em conta uma série de fatores tão importantes nesta fase de vida de cada um deles. Trabalha-se muito para o resultado, excluindo os alunos menos aptos para a prática da educação Física e isto contribui muitas vezes para a criação de traumas e complexos, levando por vezes a uma diminuição da autoestima do aluno que o pode levar a uma recusa de praticar deste ou aquele exercício, uma vez que sabem que não vão conseguir alcançar o sucesso desejado.

Nós neste momento na escola até temos o exemplo das “danças” do ténis de mesa, que já são incluídos nos programas de educação física e que já esta previsto pelo ministério da educação e que é exatamente nesse sentido, no sentido de dar ao aluno o maior número de atividades possíveis para que eles possam vivenciar e aprender alguma coisa em todas elas.

Sugestões: Penso que será nesse sentido, de **trazer cada vez mais atividades** diferentes e deixar um bocadinho de lado essa parte de rendimento, se bem que não se pode excluir totalmente, porque nós no final do período temos de avaliar os alunos mas essa avaliação não será tanto quantitativa mas será um pouco mais qualitativa na medida em que avaliamos o empenho, a forma como eles se entregam a cada uma das modalidades, o comportamento, a participação nas aulas, tudo isso em detrimento daquela

competição daquela perfeição que se requer em cada uma das modalidades se tivermos em vista o rendimento.

2- O que pensa sobre a Educação Física como disciplina curricular, que tem em atenção o movimento dos alunos, a sua interpretação, a sua cultura de movimento?

Aspetos positivos: Esta sim, é a educação física que nós temos hoje em dia nas escolas, é desta forma que se encontram os programas de educação física e é neste sentido que se encontram as diretrizes do Ministério da Educação. É de facto uma disciplina que se vira para a cultura do movimento procurando proporcionar aquilo que eu referi no ponto anterior, uma série de experiências novas onde eles podem vivenciar situações que provavelmente no dia-a-dia nunca teriam oportunidade. Não se trabalha para o sucesso propriamente dito mas para o alargamento de experiências desportivas. Falo por exemplo da dança, em que os alunos ao início dizem, ai as danças(...) não quero(...), mas que depois acabam por gostar e vivenciam situações que provavelmente nunca iriam vivenciar senão tivessem essa oportunidade na disciplina. Penso que esta vertente é sem dúvida a mais correta forma de abordar a Educação Física, uma vez que acaba por manter motivadas a maioria dos alunos, repercutindo-se isso no melhoramento da sua saúde e da sua aptidão física, numa altura em que se fala de obesidade e uma época em que os alunos passam a maior parte do dia sentados em frente a um computador, telemóvel, televisão etc. E acho que é nesse sentido, de uma abordagem mais multilateral do aluno, porque se especificarmos o aluno numa determinada modalidade, para conseguirmos rendimento temos que aperfeiçoar apenas aquela modalidade, dando desta forma um leque muito maior de atividades e assim os alunos acabam por ter um desenvolvimento mais multilateral, acabando por desenvolver muitas mais capacidades e skills motores que lhes dão em termos de vida saudável e de experiências e acabam por ter mais benefícios na prática desta educação Física.

Aspetos negativos: O único aspeto não será negativo, mas que é menos positivo, será o facto do número de horas destinadas à educação física ser escasso, e cada vez é menos, porque eles, cada vez mais diminuem o número de horas. Este é o único aspeto que eu vejo que é insuficiente, para que nós possamos fazer um trabalho mais desenvolvido com estes objetivos que eu acabei de dizer, dar um leque mais variado de atividades, porque acaba por ser um contributo bastante reduzido para aquilo que era necessário nesta altura. Uma vez que estamos a falar em idades em que a obesidade começa a ser um problema, em que eles precisam urgentemente de se mexer, a maior parte deles passam o tempo no sofá ou em frente a um computador e o único sítio onde eles tem alguma possibilidade de praticar algum tipo de atividade é na escola, nas aulas de Educação Física, e sendo tão reduzido o horário acaba por ser um ponto menos negativo porque não é suficiente para se trabalhar aquilo que era suposto. Um outro aspeto menos positivo é mesmo o facto de não se obterem resultados tão brilhantes na prática da disciplina, uma vez que não se aborda com tanta profundidade e rigor as matérias abordadas.

Sugestões: Não tenho propriamente nenhuma sugestão a referir a não ser se tivesse a possibilidade de aumentar o número de horas que era o ideal ou a nível da educação física ou mesmo em termos de desporto escolar. Porque mesmo no desporto escolar à medida que vamos avançando o tempo,

eles vão reduzindo as horas, cortando nesses aspetos todos, eu penso que será muito difícil que nós consigamos alguma coisa positiva com as crianças e jovens neste momento, porque não temos tempo para mais.

3- Qual o paradigma dominante da Educação Física na sua escola? Concorda com essa situação? Se sim, o que sugere para reforçar essa questão? Se não, o que deveria mudar na sua opinião?

Nesta escola seguimos as diretrizes do Ministério da Educação e neste âmbito seguimos a segunda vertente que foi mencionada anteriormente, que é movimento dos alunos a cultura do movimento a sua interpretação. Concordo com esta situação e penso que se deve, dentro dos possíveis, alargar o leque de atividades abordadas, permitindo sempre experiências novas e desenvolver nos alunos o maior número de capacidades e de skills motores, levando como eu já referi, a um desenvolvimento mais completo e harmonioso do aluno, contribuindo para um alargamento das práticas desportivas evidenciadas.

Para reforçar esta questão penso que motivar os alunos para a prática da educação Física dar-lhe atividades mais atrativas, fazer com que eles sintam que a educação física é realmente necessária e indispensável e mostra-lhe que a educação Física não é só a procura do rendimento, mas que é acima de tudo uma diversão, uma forma de estar bem na vida, uma forma de eles se sentirem bem com eles mesmo e acima de tudo que estão a contribuir para uma melhoria da sua saúde que é o essencial.

GRUPO II

1- A educação Física deve ter: a) a ideia de futuro ligada ao desporto e à competição e/ou b) a ideia de futuro virada para um estilo de vida saudável, para a socialização, para a qualidade de vida. Qual destas variáveis é cumprida na sua escola? O que sugere?

Sem dúvida que nós cumprimos com a variável “b” a educação deve ter a ideia de um futuro virada para um estilo de vida saudável, para a socialização, para a qualidade de vida. Sugiro que assim continue e que cada vez mais se veja a educação Física como um fator determinante para a melhoria da qualidade de vida. Como eu referi anteriormente o tempo que temos para a leção não é o mais desejado, mas mesmo com o pouco que temos, acho que devemos aproveitar essas horas ao máximo para trabalhar nesse sentido, para criar nos alunos um estilo de vida saudável, para que eles percebam que realmente devem praticar atividade física, não só nas poucas horas que temos, mas que ganhem o gosto e que procurem fora das aulas praticar sempre que possível essas atividades, desde o mais básico, uma caminhada, uma corrida até outros desportos, outras atividades que eles gostem e que depois acabem por procurar fora das aulas, acho que é esse o intuito de fundamentar a educação Física nesses aspetos, virar para um estilo de vida saudável e para a socialização por forma a que percebam que é uma forma de interagirem com outras pessoas de uma forma mais agradável, não aquela de competição que vemos muitas vezes que é desagradável mas a de uma socialização positiva onde eles possam conviver possam se divertir e estando a trabalhar para o benefício da própria saúde.

2- Os modelos didáticos e pedagógicos que utiliza nas aulas de Educação Física respondem às necessidades? Sente o dever de fazer (e faz) formação contínua? Se sim, que tipo de formação faz predominantemente?

O tempo é demasiado curto para que se possa fazer um trabalho mais completo, de qualquer forma penso que é o suficiente para lhe criar o gosto e os incentivar para essa prática, portanto penso que a base é feita depois o trabalho em si terá realmente de ser feito por eles fora das aulas porque a condição que nós temos neste momento, são condições muito reduzidas para que se possa fazer um trabalho mais completo.

Sente o dever ou faz formação Contínua?

Sim, sinto o dever e faço sempre que possível, uma vez que considero extremamente importante e necessário mantermo-nos atualizadas em relação ao trabalho que fazemos, visto que todos os dias surgem coisas novas, novos métodos, novos conceitos, novas formas de abordar, novas estratégias e etc.

Faço formação em áreas ligadas à prática embora a oferta seja muito reduzida. Procuo realizar formações em áreas que enriqueçam o meu reportório aquelas em que eu tenho menos conhecimentos e menos vivências e que me ajudem a ensinar cada vez mais e melhor nessas áreas, porque se eu não me sentir bem nessas áreas e se eu não fizer formação nessas áreas nunca me vou sentir bem, e assim se eu fizer formação sei que poderei contribuir de forma mais positiva para que eles gostem mais e aprendam mais ainda e que eu tenha mais coisas ainda para oferecer.

3- Sente que a Educação Física deve obedecer ao mesmo formalismo das restantes disciplinas, ou acredita que há espaço para mais do que isso?

Eu acho que a Educação Física é uma área que permite a exteriorização de sentimentos de emoções o que não acontecem em aulas mais teóricas. É uma disciplina que permite correr, saltar e por vezes até gritar e isso nas outras disciplinas é impossível. Eu penso que isso é fundamental porque eles acabam por se sentir muito melhor por libertar stress energias acumuladas por se divertirem e obviamente que faz com que educação Física seja uma disciplina completamente diferente das outras que não cumprem esse tal formalismo que nós vemos dentro de uma sala de aula, embora não quer dizer que não haja um certo formalismo porque eles têm que cumprir regras, mas é um formalismo mais alargado que permite muito mais do que numa aula teórica. Aqui obviamente que o movimento é uma constante e uma necessidade e é por isso que lhe chamamos de disciplina prática e isso faz toda a diferença. Se o nosso objetivo fundamental é o trabalho do corpo, o movimento, é óbvio, que tem de haver espaço para muito mais do que aquele mero formalismo das outras disciplinas.

GRUPO III

1- Perante todas estas reflexões o que é para si um bom professor de Educação Física

Pergunta difícil, e de difícil resposta. Para mim não há um modelo de bom professor de Educação Física. Um bom professor é aquele que perante determinados alunos, com determinadas condições existentes na escola, com o material disponível para uma determinada aula, perante condições climatéricas, consegue atingir os objetivos a que se propõem, aquando da devida preparação e

planeamento da aula, conseguindo atingir esses mesmos objetivos de uma forma motivadora para os alunos que lhes permita aprender num clima de boa disposição e fazendo-o de forma, a que estes tirem prazer nas atividades realizadas. É aquele professor que tem a capacidade de se adaptar conforme as condições que lhe são apresentadas, tendo a capacidade de controlar da melhor forma todas as variáveis, realizando todas as alterações e ajustes necessários ao longo da aula. É também um professor que se preocupa em dar cada vez mais, que não se acomoda no tempo, mas que de dia para dia consegue transformar a sua experiência em melhorias do seu processo de ensino é aquele que procura sempre mais e procura sempre melhor.